

Julianne Teixeira Silva Magalhães

**PRÁTICAS INFORMACIONAIS SOB A ÓTICA DE UM
PROBLEMA DA JUVENTUDE**

Belo Horizonte

Agosto 2005

Julianne Teixeira Silva Magalhães

**PRÁTICAS INFORMACIONAIS SOB A ÓTICA DE UM
PROBLEMA DA JUVENTUDE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação - PPGCI da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Cultura e Sociedade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Regina Maria Marteleto.

Belo Horizonte

Agosto 2005



UFMG

**Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**

FOLHA DE APROVAÇÃO

“PRÁTICAS INFORMACIONAIS SOB A ÓTICA DE UM PROBLEMA DA JUVENTUDE”.

Julianne Teixeira Silva Magalhães

Dissertação submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do título de **“Mestre em Ciência da Informação”**, linha de pesquisa **“Informação, Cultura e Sociedade (ICS)”**.

Dissertação aprovada em: 16 de agosto de 2005.

Por:

Prof. Dra. Regina Maria Marteleto – ECI/UFMG (Orientadora)

Prof. Dra. Maria Aparecida Moura – ECI/UFMG

Prof. Dra. Maria Beatriz Almeida Sathler Bretas – FAFICH/UFMG

Aprovada pelo Colegiado do PPGCI

Prof. Marlene de Oliveira
Coordenadora

Versão final Aprovada por

Prof. Regina Maria Marteleto
Orientadora

Para:

Meus pais Nilo e Maria José, com gratidão.

Agnaldo e Léo Felipe, com amor e esperança.

Meus irmãos Nilo, Erik e André, com carinho.

Emily, Evelyn e Ana Carolina, com afeto .

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dr^a. Regina Maria Marteleto, pela orientação, colaboração, paciência, zelo, amizade e competência em todos os momentos da elaboração da dissertação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pelos ensinamentos e bons momentos de reflexão.

Aos colegas do mestrado e doutorado em especial a Vânia Carvalho, Cida Shikida, Ludmila, Heloisa, Dalgisa, Cida Lourenço, Manuela, Pollyana, Elaine, Mara, Ruben e José Alimatéia pelos proveitosos debates acadêmicos e agradáveis momentos de convívio.

À direção, alunos e funcionários da Escola Estadual Manoel Martins de Melo, pela colaboração e recepção calorosa, onde pude realizar a pesquisa com tranquilidade.

À Viviany Carvalho e Goreth Maciel pelo auxílio e paciência.

À Cida Teixeira, Gleiziane e Márcio Greyk pelo inestimável auxílio à pesquisa de campo.

À Lucas Carvalho pelo desprendimento, boa vontade e colaboração no abstract.

À Cristina Mendanha pelas preciosas colaborações, motivação e amizade.

À Patrícia, Adriana, Paula, Da. Geni, Sr. Rosalino e Sr. Antonio pelo apoio, carinho e amizade.

A Vó Júlia, tios, tias, primos e primas pelo grande incentivo, em especial aos Tios Rui e Bete pela boa orientação inicial, Edwirges e Mônica, pelo carinho, Quitéria e Batata pela calorosa acolhida.

Sumário

LISTAS

RESUMO

INTRODUÇÃO	10
1. INFORMAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE	15
1.1 O sujeito e suas diferentes leituras	17
1.2 O jovem como sujeito moderno	22
1.3 O sujeito na Ciência da Informação	25
2. INFORMAÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDO	29
2.1 Informação e cotidiano	30
2.2 Sujeito informacional e produção de sentido	33
2.3 Sujeito interativo-informacional e os meios de comunicação de massa	36
3. JUVENTUDE E GRAVIDEZ PRECOCE: A INFORMAÇÃO EM QUESTÃO	40
3.1 O jovem de periferia urbana	44
3.1.1 Juventude em Ribeirão das Neves	46
3.2 Gravidez precoce	54
4. ESTUDANDO AS PRÁTICAS INFORMACIONAIS	64
4.1 Guia para estudo dos processos de assimilação de informação	65
4.1.4.1 Assimilação Voluntária da Informação – AVI	67
4.1.4.2 Assimilação Involuntária da Informação – A II	69
4.1.4.3 Informação no contexto cotidiano.....	70
4.1.4.4 Algumas partes coordenadas do processos de assimilação da informação	72
4.2 Metodologia	78
5. PRÁTICAS INFORMACIONAIS E JUVENTUDE DE PERIFERIA URBANA	84
5.1 O grupo e o tema	85
5.2 As fontes de informações	90
5.3 Informação, produção de sentidos e jovens de periferia urbana	91
5.3.1 O sujeito e o contexto	92
5.3.2 As informações	95

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
ABSTRACT	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
ANEXO 1: DIÁRIO	121
ANEXO 2: ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	122

LISTAS

Figuras

1 Mapa do município de Ribeirão das Neves	46
2 Práticas informacionais e os processos de assimilação da informação.....	68
3. Processo de assimilação voluntária de informação dos jovens de periferia urbana	104
4. Processo de assimilação involuntária de informação dos jovens de periferia urbana	105

Tabelas

1. Crescimento da População em Ribeirão das Neves.....	47
2. Nível educacional da população jovem dos anos de 1991 e 2000	51
3. Nascidos vivos registrados no ano – Brasil	55
4. Adolescentes que mantêm/mantiveram relações sexuais, por classe social, segundo gravidez na adolescência (nacional), 2001/2002 (%)	56
5. Adolescentes, por sexo, segundo o uso de camisinha (nacional), 2001/2002 (%)	58
6. Espaços onde os jovens obtêm informações sobre métodos contraceptivos	87
7. Comparativo entre as fontes de informação, sobre assuntos ligados à sexualidade, mais apropriadas e as normalmente consultadas pelos jovens	91

Gráficos

1. População residente em Ribeirão das Neves –MG.....	48
2. Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, Ribeirão das Neves (MG)	62



Desenho:

Vagner Luiz Caldeira da Silva (27 anos, morador de Ribeirão das Neves, 2005).

RESUMO

Este trabalho trata das práticas de informação dos jovens de periferia urbana, tendo como recorte temático questões relativas à gravidez precoce. Os jovens investigados são moradores de Ribeirão das Neves, cidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte, município marcado por graves problemas sócio-culturais e econômicos. Sob este contexto, a prática de informação foi analisada na esfera da dinâmica cultural, da vida cotidiana. O marco teórico está alicerçado numa abordagem antropológica da informação trançando diferentes leituras a respeito do sujeito informacional. O campo empírico é abordado por meio de metodologia qualitativa utilizando a técnica de grupos focais. Para análise e interpretação dos dados foi desenvolvido um “*Guia para estudo do processo de assimilação de informação*”, que sob a luz do referencial teórico possibilitou, entre outras constatações identificar algumas maneiras de como os sujeitos (jovens) lidam com a informação, sendo que no universo da juventude de periferia urbana a maior influência se dá por meio da televisão e da comunicação face a face.

INTRODUÇÃO



Desenho:
Vagner Luiz Caldeira da Silva (27 anos, morador de Ribeirão das Neves, 2005).

As práticas de informação, como outras práticas humanas, sendo sociais e simbólicas, possuem atos concretos e inesgotáveis de significação para cada sujeito. A informação, em si mesma, não é mero instrumento que faz a mediação dos processos de produção, transmissão dos significados, saberes ou conhecimentos culturais. Precedendo as próprias práticas sociais, como sentido já dado e instituído, ela é adquirida por uma relação construtiva, sendo assim, uma ação que transforma. Tanto a informação, quanto as práticas de sua produção, transmissão e aquisição são sociais e simbólicas e constituem-se mutuamente.

Permeando esferas diversas no processo de dinâmica cultural e alimentada pelas práticas sociais em geral, a informação se refere a uma forma moderna de veiculação e expressão de diferentes visões de mundo, pois é elaborada a partir de experiências de vida diversas e contraditórias. No mundo moderno, no contexto sócio-cultural de produção de discursos, representações e valores que informam, temos o sujeito municiado por um modelo de competência cognitiva, discursiva e comunicacional para dirigir sua vida, para se relacionar com os outros e com a sociedade.

A construção social dos processos de informação é um tema da Ciência da Informação que, no Brasil, tem instigado muitos estudiosos. Foi bastante desafiador vislumbrar a possibilidade de pensar e investigar a informação na esfera da dinâmica cultural, da vida cotidiana, do senso comum, do conhecimento social e dos sujeitos em suas práticas concretas.

O ponto orientador desta pesquisa encontrou apoio no conceito de informação como prática social. Esta prática está preconizada como aquela desenvolvida através das ações de atribuição e comunicação de sentido e que podem provocar transformações nas estruturas individuais e sociais gerando novos estados de conhecimento. Sendo este conceito um dos pontos de partida, a proposta deste trabalho é averiguar como se processa o fenômeno das práticas informacionais dos jovens de periferia urbana.

A questão da juventude brasileira é outro tema que, na atualidade, tem despertado grande interesse. Esse grupo representa uma parcela significativa de brasileiros que o censo 2000 estimou ser superior a 21 milhões de jovens. São, sem dúvida, cidadãos pouco favorecidos em suas necessidades básicas como saúde, educação, trabalho, cultura e lazer. Tais carências estão culminando, entre outros problemas, em altos índices de violência, desemprego, aumento dos casos de DSTs, AIDS e gravidez precoce. Em muitas localidades cabe ao terceiro setor tentativas efetivas para minimizar o universo de problemas que os jovens brasileiros atravessam. Um estudo do UNICEF sobre a situação da adolescência brasileira confirma que violência, drogas, gravidez precoce, desemprego e as novas composições familiares são os grandes desafios dos jovens brasileiros (UNICEF, 2001b).

A opção do recorte temático está em um desses problemas da juventude brasileira que tem se agravado a cada ano: a gravidez precoce, e que tem chamado a atenção dos profissionais da saúde e do poder público, pois vem se transformando num problema com graves repercussões sociais.

Assim, a proposta da pesquisa foi alicerçada na dinâmica informacional da esfera cotidiana de jovens de periferia urbana onde o pano de fundo foi o tema “gravidez precoce”. Sob esse aspecto podemos identificar amparo na Ciência da Informação (CI) através dos argumentos de WERSIG & NEVELING (1975) quando afirmam que a ciência de um modo geral, se justifica por alguma necessidade social a ser atendida.

O conhecimento social é produzido em locais informais de sociabilidade, que podem ser entendidos como núcleos de informação socialmente construída. Grande parte das informações que circulam nesses núcleos, normalmente, são informações do senso comum, da esfera da cultura, que têm importância e desempenham um papel vital para esses cidadãos, o que BERGER & LUCKMANN (1996) denominam de *acervo social do conhecimento*.

Segundo SORJ (2000, p. 97), é típico do brasileiro essa sociabilidade onde é valorizado “o associativismo informal (o grupo do bar, a turma da pelada, os

amigos de bairro que se juntam para fazer um churrasco ou ir a praia), que as estatísticas têm dificuldade de captar.”

A experiência de penetrar no universo dos jovens para compreender suas práticas informacionais relativas à gravidez precoce trouxe à tona o desejo de tentar entender a informação no contexto do cotidiano. Que informações esses jovens recebem e procuram sobre: gravidez, métodos contraceptivos, planejamento familiar, etc? Por quais vias tais informações são disseminadas? Como esses jovens as interpretam e que sentido produzem?

Estas perguntas são parte constitutiva do objeto desta pesquisa, norteadas o trabalho de investigação a respeito das práticas informacionais junto aos jovens de periferia urbana.

No primeiro capítulo é apresentado o marco teórico da pesquisa, onde a linha de pensamento está alicerçada numa perspectiva antropológica da informação, detalhada pela compreensão das diferentes leituras a respeito do sujeito informacional, suas práticas de informação e seu contexto social.

No segundo capítulo é abordada a temática da informação a partir de um sujeito informacional que diante das práticas de informação e dos meios de comunicação de massa é compreendido no espaço de interação coletiva como atos concretos e inesgotáveis de significação.

O terceiro capítulo traz considerações a respeito da juventude no Brasil abordando traços do jovem de periferia urbana, tratando em especial da questão da juventude na cidade de Ribeirão da Neves, Região Metropolitana de Belo Horizonte, ambiente empírico da pesquisa. Neste contexto está contemplado, como recorte temático, a gravidez precoce como risco social.

No quarto capítulo está descrita a metodologia da pesquisa onde o material empírico é abordado por meio de metodologia qualitativa, utilizando como instrumento de pesquisa a técnica de grupos focais associada a outras ferramentas para coleta de dados. Para interpretação dos dados foi desenvolvido um “*Guia para estudo do processo de assimilação de informação*”, que possibilitou uma melhor

aferição da análise dos dados, estabelecida pelo confronto entre o marco teórico e o nível empírico.

O quinto capítulo apresenta o universo dos jovens investigados sob a perspectiva das práticas de informações, contextualizando os sujeitos em seu meio sócio-cultural e econômico, suas experiências pessoais, bem como suas necessidades de apropriação e uso de informação. Com base na análise dos dados ficou entendido que estas práticas são estabelecidas, predominantemente, através da comunicação face a face e assimilações de informação obtidas por intermédio da televisão, que é o meio de comunicação de massa mais difundido no grupo investigado, devido à sua fácil acessibilidade.

Nas considerações finais é apresentado o entendimento de algumas maneiras de como os sujeitos (jovens) lidam com a informação, sendo que no universo da juventude de periferia urbana dois processos de assimilação da informação foram identificados como relevantes, mediadores da produção de sentidos e conseqüentemente influentes nas atividades cotidianas destes jovens. O primeiro processo é compreendido pela assimilação voluntária da informação estabelecida pela comunicação face a face e o segundo processo compreendido pela assimilação involuntária da informação estabelecida pela televisão.

Dentro dessa perspectiva se torna visível a relevância da informação enquanto mediadora da produção de sentidos e conseqüentemente influente nas atividades cotidianas destes jovens que, dentro de suas limitações sócio-culturais e econômicas necessitam de orientação adequada para desenvolverem sua capacidade crítica, visto que as estruturas de informação e comunicação são indispensáveis à construção da plena cidadania juvenil.

1. INFORMAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE



Desenho:

Vagner Luiz Caldeira da Silva (27 anos, morador de Ribeirão das Neves, 2005).

As definições acerca do objeto da Ciência da Informação são muito diversas e produzem diferentes efeitos de sentido em diferentes contextos. Entretanto este trabalho está apoiado nos pressupostos da antropologia da informação, que dizem respeito ao modo de constituição da informação como problema na sociedade.

A antropologia da informação tem como campo empírico a sociedade civil, seus grupos, organizações, movimentos sociais e entidades representativas e as formas de organização, comunicação e gestão do conhecimento e suas interfaces com ambientes formais de informação e conhecimento.

Um dos pressupostos teóricos e metodológicos da antropologia da informação é uma abordagem do conhecimento e da informação no plano local da cultura. Outra abordagem é a que estabelece o conhecimento como produto social dotado de valor e sua apropriação como matéria informacional pelos sujeitos e organizações como as do terceiro setor, por exemplo. A noção de redes é outro pressuposto teórico e metodológico que visa entender as interdependências das práticas e representações sociais realizadas por agentes dispostos em ambientes diversos na sociedade.

Vislumbrar a questão informacional sob o ponto de vista antropológico permite que se construa a idéia de práticas de informação como mecanismo de apropriação, rejeição, elaboração de significados sob a perspectiva de uma sociedade onde os sujeitos elaboram suas representações e executam suas práticas através de dispositivos informacionais reinterpretados a partir das suas experiências, onde estão presentes pluralidade e antagonismos.

Sendo assim, a informação é contemplada aqui, de modo geral, como um fenômeno, um processo, uma prática o que nos conduz à necessidade de abordá-la enquanto fenômeno social, estando seus contornos apreendidos em torno do sujeito em seu cotidiano na esfera da cultura.

1.1 O Sujeito e suas diferentes leituras

De modo geral, o sujeito pode assumir diferentes nuances, dependendo de como é interpelado ou abordado dentro da especificidade de cada campo do conhecimento, como por exemplo o sujeito filosófico (que representa), o social (que atua), o pedagógico (que aprende, que ensina), o histórico (que transforma), o político (que opta), o econômico (que produz, consome), etc. Na perspectiva de trabalhar com informação e juventude, será necessário resgatar a concepção do sujeito e compreender a forma de como se insere na Ciência da Informação.

A linha de raciocínio deste trabalho está elaborada a partir da informação nas suas variadas formas como um fenômeno que no ato da interação com o sujeito possibilita a produção de sentido.

Para balizar o campo empírico deste trabalho, faz-se necessária uma fundamentação teórica acerca da idéia de sujeito. A noção de sujeito não é uma concepção pronta, acabada, ou mesmo fácil de ser entendida. Para contextualizar o sujeito na CI, é necessário antes tecer um aporte conceitual e uma abordagem histórica de como a noção foi emergindo e de como se encontra atualmente.

Ser sujeito é uma qualidade fundamental própria do ser vivo, que não se reduz à singularidade morfológica ou psicológica, visto que dois gêmeos idênticos, psicológica e morfológicamente, são dois sujeitos diferentes. É uma realidade que compreende um entrelaçamento de múltiplos componentes.

O sujeito se constitui pelo entrelaçamento das dimensões biológica, social e cultural que se modelam em torno das relações com o outro e no meio social em que está inserido. CHARLOT (2000) elucida que as características antropológicas que constituem o ser humano podem ser relacionadas à noção de sujeito. Para o autor, o ser humano não é um dado, mas uma construção. O sujeito é compreendido como o ser que é igual a todos do ponto de vista da espécie, igual a alguns como parte de determinado grupo social e diferente de todos como um ser único, singular.

Em seus estudos, MORIN (1996, p.55) faz uma observação do quanto é complexo o exercício de conceituar o sujeito. Entretanto ele apresenta um bom

caminho para compreender a noção de sujeito, estabelecido sob a forma de uma reconstrução conceitual em cadeia, que navega em diferentes correntes do pensamento como a organização biológica, a dimensão cognitiva, o princípio da identidade, etc., e mesmo assim correndo o risco de não chegar a enraizar o conceito de sujeito de maneira empírica, lógica, como fenômeno. O autor afirma que, só pensar o sujeito “*dissolvendo-o e transcendentalizando-o , não se chegará a compreendê-lo jamais*”. A noção de sujeito deve emergir através de um “pensamento complexo”, ou seja, um pensamento capaz de unir conceitos que se rechaçam entre si.

Apreendida a noção de sujeito através do “pensamento complexo” vale considerá-lo como agente de seu tempo/espço e de sua comunicação, percebendo-o como sujeito da cultura, mediado pela linguagem e que através dela produz palavras, sentidos e valores. Sujeito que não é a única fonte de sua ação como não o é do seu dizer. O que diz tem a ver com o que já ouviu dizer, com o que vão dizer, com o que pode dizer, com o que quer dizer.

O sujeito do tempo e da comunicação é o sujeito que cria interlocução, que demarca o lugar da sua fala através dos sentidos e significados que cria em seu meio (ambiente), individual e coletivamente. Sujeito que lembra, vivencia, deseja, sonha, espera.

Numa concepção histórica, a reflexão da noção do sujeito se dá a partir do “Iluminismo”. Essa perspectiva do sujeito baseava-se na concepção da pessoa humana como totalmente centrada, unificada, delineando uma concepção individualizada onde o EU correspondia à sua identidade. Tal idéia é reforçada por Descartes quando estabelece a concepção do sujeito racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento, o chamado sujeito cartesiano. É no cerne da dúvida que Descartes apresenta à humanidade a idéia do sujeito pensante (*cogito, ergo sum*). Dentro da compreensão do “penso, logo existo” está representada a idéia da consciência de si, do ser que pensa. Começa-se a expandir a noção do individualismo, do sujeito detentor de seu próprio saber e de sua própria história.

À medida que o mundo moderno se tornava mais complexo, emergia a consciência de que o sujeito não é autônomo e auto-suficiente, mas é formado com outras pessoas que lhe mediam valores e símbolos – a cultura. Assumia-se o entendimento de que a identidade é formada na interação entre o sujeito e a sociedade.

No mundo moderno, a noção de sujeito é fundada pela busca de soluções para a problemática oriunda da passagem do modelo de sociedade tradicional, modelo que é transformado em decorrência de três grandes revoluções - revolução científica (teoria do campo unificado), a revolução industrial (razão aplicada aos processos de produção em série) e as revoluções sociais (promessa de um gozo sem falhas no interior de uma nova sociedade).

Na primeira metade do século XX as sociedades modernas caracterizam-se por mudanças constantes e rápidas. É quando a noção do sujeito cartesiano começa a ser superada. HALL (2002) apresenta a concepção do sujeito sociológico, que passa a ser definido historicamente e não biologicamente interagindo com a sociedade, cujo "eu real" é formado e modificado num diálogo contínuo com o outro.

O "sujeito" do Iluminismo é tido como ser estável e de identidade fixa. Até um pouco antes da Revolução Industrial, o sujeito era apenas um elemento secundário. Essa idéia é reformulada no mundo industrializado com o nascimento das novas classes sociais implicando numa rearticulação social.

Na segunda metade do século XX, os movimentos intelectuais fazem emergir a noção de um sujeito descentrado, anônimo, fragmentado, onde a sociedade, não é um todo unificado e bem delimitado. É atravessada por diferenças e antagonismos sociais que produzem uma verdadeira variedade de identidades. Segundo HALL (2002), no período da modernidade são identificados cinco momentos, os quais tiveram papel fundamental no descentramento do sujeito cartesiano. O autor mostra que o descentramento do sujeito moderno pode ser mapeado dentro das seguintes mudanças conceituais:

- a) O pensamento Marxista – indicando um sujeito participativo, explicitando a existência de uma essência universal de homem a partir da retomada e reinterpretção da obra de Karl Marx. A afirmação de Marx de que o homem faz história, mas a faz sob condições históricas criadas por outros homens, desloca qualquer noção de agência individual. Ele coloca as relações sociais e não uma noção abstrata de homem no centro de seu sistema teórico.
- b) O pensamento de Freud – a partir da concepção de inconsciente, da formação do “eu no olhar do outro”, da construção da identidade. Este segundo descentramento vem da descoberta do inconsciente por Freud. Em sua teoria, menciona que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, fazendo cair por terra o conceito do sujeito cognoscente e racional, provido de uma identidade fixa e unificada, o sujeito cartesiano. A identidade é formada ao longo do tempo, através de processos inconscientes. A grande questão que é colocada sobre o trabalho de Freud é que os processos inconscientes não podem ser facilmente vistos ou examinados. Apesar de bastante questionados, grande parte do pensamento moderno sobre a vida subjetiva e psíquica é “pós-freudiana”.
- c) Os postulados do lingüista Saussure - O terceiro descentramento está associado ao trabalho do lingüista estrutural Ferdinand de Saussure. Concebendo a língua como sistema social e não individual, Saussure argumentava que nós não somos, em nenhum sentido, os autores das afirmações que nós fazemos ou dos significados que expressamos na língua. A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. O sujeito que fala está impregnado de ideologias. O falante individual não pode fixar o significado de uma forma final, incluindo o significado de sua identidade. Existem sempre significados sobre os quais os sujeitos não têm controle e estes estão sempre provocando desconstruções em suas mais sólidas construções.
- d) As observações de Foucault – o quarto descentramento apresentado por HALL (2002) mostra os mecanismos de poder disciplinar sobre o sujeito através da regulação, da vigilância e do controle. Foucault, produz uma genealogia do sujeito

moderno, destacando um novo tipo de poder que ele chama de poder disciplinador, que se desdobra ao longo do século XIX, chegando ao seu desenvolvimento máximo, no início do século XX.

O poder disciplinador está preocupado com a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana. Seus locais são aquelas novas instituições que se desenvolveram ao longo do século XIX e que policiam e disciplinam as populações modernas: os quartéis, as escolas, os hospitais, prisões, etc. O objetivo do poder disciplinador é manter as vidas, as atividades, o trabalho, os prazeres do indivíduo, sob astuto controle e disciplina, com base nos regimes administrativos.

e) Os novos Movimentos Sociais - Que se fundaram em torno de causas particulares tais como racismo, religiosidade, meio ambiente, feminismo, entre outros. Estes movimentos impactaram diretamente o comportamento dos sujeitos e suas identidades, implementando novas formas de vida social. O feminismo, por exemplo, configurou-se num movimento de contestação e oposição, principalmente, à política liberal capitalista e às formas burocráticas de organização.

O movimento feminista teve relação direta com o descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico ao questionar a clássica distinção entre o dentro/fora, o privado/público, ao trazer à tona questões como família, mercado de trabalho feminino, sexualidade, trabalho doméstico, dentre outros.

Com base nesses cinco momentos conceituais do período moderno, fica evidente a situação de deslocamento do sujeito, sendo que suas razões têm raízes profundas e bem ramificadas, fazendo com que o sujeito sofra deslocamentos do seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmos.

Sob esse aspecto, é fato que o sujeito moderno atravessa uma crise de identidade que o impulsiona a buscar um sentido para si próprio, como ser pertencente a uma natureza biológica, física, social, cultural e, por que não dizer, econômica.

Os teóricos discutem atualmente a respeito da expansão neoliberal e suas conseqüências sobre o sujeito moderno, visto trazer à cena o papel do consumo como um novo elemento que corrobora, e muito, para o descentramento do sujeito e

consequentemente desestruturador das identidades culturais. O consumo representa a expressão mais visível do neoliberalismo, contribui também como elemento conflitivo no processo identitário das sociedades. Para grande parte da população ocidental, consumir se transformou num valor da modernidade, onde ter virou sinônimo de ser. Adquirir e possuir coisas tem se transformado em um meio de ser reconhecido, de ser competente, de ser feliz. É pelo consumo que o sujeito é reconhecido e valorizado na sociedade moderna. É o consumo que cria a ilusão da liberdade de escolha e um pseudo exercício da cidadania.

Dentro dessa perspectiva, como fica a problemática da cultura? A cultura se transnacionaliza, não respeita fronteiras, e se transforma em mercadoria. Segundo Ortiz (1994), a cultura é o “sistema-ideia” da economia capitalista mundial e a esfera ideológica se realiza nas tentativas dos sujeitos se relacionarem com as contradições, as ambigüidades e a complexidade da realidade sócio-política desse sistema particular em que a base econômica constitui a unidade de análise privilegiada e as manifestações políticas e culturais surgem como seu reflexo imediato.

No seio dessas questões o sujeito moderno parece emergir numa expressão conflituosa consigo mesmo, com a organização social, com a ordem econômica e com os valores sociais experienciados no seu mundo vivido.

1.2 O jovem como sujeito moderno

Importante ressaltar que o sujeito desta pesquisa é o jovem brasileiro que está sofrendo de forma dura os impactos da modernidade, onde instrumentos tradicionais de socialização como a família, a escola e a igreja, mudaram ou tiveram sua eficácia diminuída e foram substituídos por novos elementos como o consumismo, a publicidade, os meios de comunicação de massa, o consumo de drogas e de álcool. O enfraquecimento das redes sociais é outra característica da modernidade que impulsiona o jovem rumo ao individualismo, com uma

considerável perda dos espaços e ações coletivas. *“Um exemplo típico é o lazer, hoje muito mais associado ao consumo – passeios a shoppings, por exemplo – e a entretenimentos individuais do que a uma convivência comunitária.”* (SUDBRACK, 2002, p.66)

O fenômeno da informação permeia estes espaços, ele é parte integrante da vida e do cotidiano moderno. Pela sua essência o sujeito informacional deve ser vislumbrado na sua intersubjetividade, nas suas interações sociais e nas suas práticas de informação e comunicação cotidianas, pois a referência às características individualista e fragmentada do sujeito moderno, dizem respeito a uma generalização, ao comportamento de uma geração, a um momento histórico. Falar das relações sociais intersubjetivas do sujeito informacional é entendê-la numa amplitude micro, na esfera do dia-a-dia, por exemplo.

O jovem como sujeito moderno é compreendido no imaginário através de “modelos” socialmente construídos. Um desses modelos é traçado pela condição de transitoriedade em que ser jovem é uma passagem, um “vir a ser” buscando no futuro uma meta a ser atingida.

De modo geral, esta é uma visão encoberta por uma carga negativa do ser jovem, pois nega o presente vivido. Um bom exemplo pode ser encontrado no sistema de ensino tradicional que visa o diploma como meta e onde o caminho percorrido não tem tanta importância.

Outra imagem acarretada pela modernidade faz referência ao ser jovem numa concepção romântica. Essa noção nasce nos anos de 1960 e resulta no consumo em ocasião do florescimento da indústria cultural que se expandiu com a moda, nos locais de lazer, com a música, nas revistas, etc.

A crise da modernidade se reflete numa forma de perceber a juventude como uma fase difícil, repleta de conflitos e crises de personalidade, o que acaba culminando em crises familiares e, conseqüentemente, no distanciamento do jovem desta instituição socializadora.

Existe ainda a idéia de liberdade de comportamentos exagerados e exóticos. Os jovens modernos são também identificados pela irresponsabilidade, sendo que este período da vida se caracteriza como um momento de experimentações.

É necessário um árduo exercício para enxergar os jovens como sujeitos de fato, e não de maneira arraigada. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem. É um processo influenciado pelo seu meio social concreto, o qual é desenvolvido pelas trocas que este proporciona.

O sujeito se constitui pelas dimensões biológica, social e cultural de forma entrelaçadas desenvolvidas com base nas relações sociais do meio concreto em que o jovem vive. A respeito do jovem DAYRELL (2003, p.43) pondera que é necessário pensar o sujeito afirmando que o pleno desenvolvimento ou não das potencialidades que caracterizam o ser humano “*vai depender da qualidade das relações sociais desse meio no qual se insere*”.

É na vida cotidiana que os jovens estabelecem um conjunto de contatos, relações e processos que constituem um sistema de sentidos. É nesse *locus* que cada um deles vai se construindo e sendo construído como sujeito, ou seja, um ser único, mas que se apropria do social.

Como um meio de se afirmar socialmente, o jovem tem construído e criado modos próprios de ser sujeito na sociedade moderna. Construções estas que normalmente se alicerçam em torno da dimensão cultural (como os grafiteiros, os grupos funk, de pagode, etc.).

Com relação a esta afirmação, faz-se necessário frisar a necessidade de uma rede que dê suporte e apoio às instituições que lidam com os jovens. Suporte baseado em políticas públicas na perspectiva de garantir aos jovens espaços e oportunidades de se posicionarem como sujeitos e cidadãos de fato.

1.3 O sujeito na Ciência da Informação

A trajetória do sujeito na Ciência da Informação tem implicações diretas com o contexto histórico do surgimento deste campo do conhecimento. Os estudos apontam que a CI surgiu no período entre guerras, momento em que o capitalismo sofre transformações que se caracterizaram pela participação do Estado na economia, tendo em seus princípios básicos a propriedade particular e o lucro, e como uma de suas conseqüências a desigualdade social. A denominada explosão da informação caracterizou esse momento, em que a informação se torna basilar para o progresso econômico, ancorado no binômio ciência e tecnologia.

Dentro desse contexto e com o intuito de controlar essa nova realidade informacional, os Estados Unidos cria o ADI - American Documentation Institute, que na década de 1960 passou a se chamar ASIS – American Society for Information Science, o qual expandiu suas atividades para o trabalho com informação científica e tecnológica. Segundo SARACEVIC (1996), as atividades voltadas para o controle da explosão informacional foram amplamente financiadas pelo governo norte-americano, pois a informação adquiriu forte conotação política e de valor estratégico. Neste período, os estudos e procedimentos sobre informação eram bem pragmáticos e voltados às questões relativas ao processamento, armazenamento e recuperação da informação.

O interesse dos estudos centrava-se na informação em si e por si mesma. Segundo LOUREIRO & PINHEIRO (1995), em conferência realizada no Georgia Institute of Technology no ano de 1962, é discutida a formação do especialista em Ciência da Informação, mais relacionada a pesquisadores do que a técnicos, que estudariam e desenvolveriam “a ciência do armazenamento e recuperação de informação”.

Verifica-se que esta característica da área, voltada para o acervo vigorava neste período, o que de certa forma, acentua o caráter regulador e controlador que se

instaurou no meio ligado às questões informacionais. Reflexo estendido às bibliotecas, unidades de informação/documentação, arquivos e museus.

O paradigma do acervo perdurou até a segunda metade da década de 1970. A partir de então, ainda que com um caráter bem objetivo, houve um deslocamento em direção à temática do usuário e suas interações. Neste terreno o sujeito na CI tem sua maior expressividade no seio de uma temática específica da biblioteconomia - os estudos de uso e usuários da informação. Nestes estudos a preocupação maior passa a ser o usuário e a satisfação de suas necessidades de informação. De modo geral a concentração destas investigações se dava a respeito dos documentos mais utilizados, de descobrir hábitos dos usuários para obter informação nas fontes disponíveis, determinar as demoras toleráveis, entre outros.

Os objetivos dessas pesquisas com usuários se concentravam nas possibilidades de generalizar dados, os quais eram utilizados para direcionar e auxiliar administradores na melhoria de seus sistemas de informação. Até este momento o usuário era tido apenas como um mero informante sobre serviços prestados pelas unidades de informação, não sendo em nenhum momento considerado como objeto do estudo.

Segundo DERVIN & NILAN (1986), após a década de 1970, a literatura tem divergido em duas abordagens: na primeira, de cunho tradicional, os estudos são direcionados sob a ótica do sistema de informação (*traditional approach*); Os autores denominam a segunda abordagem de alternativa, direcionada à ótica do usuário (*alternative approach*), que voltada para o estudo de comportamento de usuários se caracteriza em observar o ser humano como sendo construtivo e ativo; considerando o indivíduo orientado situacionalmente; visualizando holisticamente suas experiências; focalizando os aspectos cognitivos envolvidos; analisando sistematicamente a individualidade das pessoas e empregando maior orientação qualitativa nas pesquisas.

Sob este aspecto FERREIRA (1997) destaca que qualquer tentativa de descrever padrões de busca de informação deve ter como centro do fenômeno o sujeito, considerando a visão, necessidades, opiniões e danos desse indivíduo como

elementos significantes e influentes que merecem investigação. A autora acrescenta que necessidades de informação devem ser definidas em plano individual, destacando-se atenção para o tempo e espaço específicos experimentados pelo sujeito em questão.

O professor LE COADIC (1996) reforça esta concepção afirmando que, a partir da segunda metade da década de 1980, surge um novo movimento em que os pesquisadores da área enfatizaram a relevância subjetiva do usuário da informação.

Sob esses aspectos, o sujeito na Ciência da Informação é tratado como um componente da lógica interna dos sistemas ou como afirmam MARTELETO & RIBEIRO (1995, p.530)

“o sujeito se traduz num recurso humano para a produção, operacionalização, distribuição e consumo de informações. (...) O sistema gerencial da oferta informacional descaracteriza assim a ação dos sujeitos como autores, intermediários e intérpretes nos fluxos informacionais, bem como representa essas ações como processos necessários e harmoniosos de uma totalidade organizada e auto-regulada.”

Como visto anteriormente, a Ciência da Informação é um campo do conhecimento que nasce nas primeiras décadas do século XX, no mesmo momento em que emergem os movimentos estéticos e intelectuais deste século.

A partir destes movimentos, HALL (2002) observa a figura de um sujeito isolado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal, exilado, alienado. Sob essa perspectiva pode-se destacar os estudos de Michel Foucault (1926-1984) que trata da questão de como o “poder-saber” opera sobre os sujeitos, denominado de poder disciplinar.

A respeito dos “regimes disciplinares” do moderno poder administrativo, HALL (2002) mostra que para compreender o paradoxo de que quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito moderno.

Nos estudos de Foucault as oficinas, as clínicas, escolas, hospitais, quartéis, etc., são algumas das instituições que policiam e disciplinam as populações modernas. Nesses espaços são encontradas fortes relações de poder. MACHADO (2002) evidencia que o vigiar, o punir e as relações de poder se articulam no cotidiano atingindo a realidade do corpo social, e de forma mais concreta, o corpo dos indivíduos. Nesses pequenos espaços são configurados procedimentos técnicos de poder que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo dos sujeitos por meio de gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos, etc., o que Foucault chamou de “microfísica do poder”.

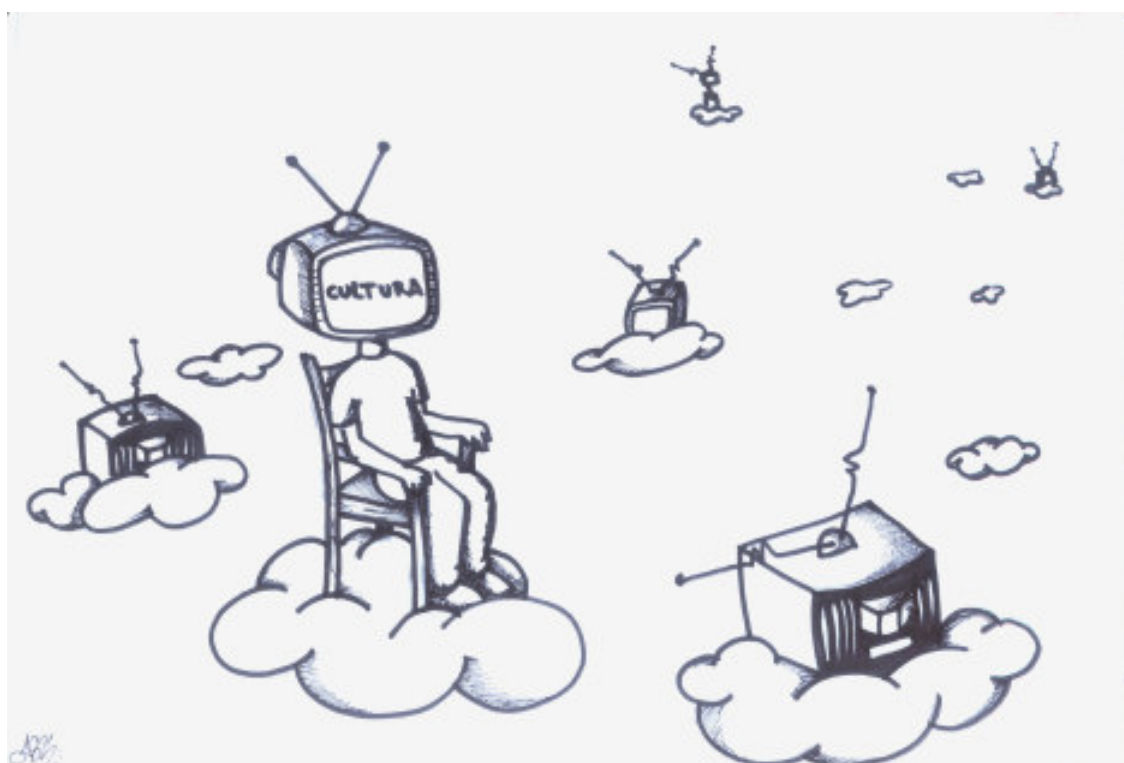
Diante desse quadro, pensar o sujeito na Ciência da Informação faz emergir algumas questões provocativas de reflexão necessária:

- Dentro das características destas instituições modernas a biblioteca, os sistemas, centros de informação/documentação, museus e arquivos preencheriam os quesitos de uma instituição “disciplinadora”?
- Diante do perfil do sujeito moderno, os estudos de uso e usuários da informação, da forma como têm sido trabalhados, são realmente bons métodos de reconhecer o sujeito na CI e suas imbricações na teia informacional moderna?

Nessa perspectiva, o lugar da informação mais do que memória ou um registro, se configura como elemento ativo que é elaborada nas relações amplas e complexas que se estabelecem entre sujeitos, objetos, instituições, significados. Diante da modernidade posta e do aparato das tecnologias da comunicação e informação e das mudanças de paradigmas da área, o sujeito na CI passa por um processo de redescobertas, haja vista as características inter e transdisciplinaridade deste campo do conhecimento.

A concepção do sujeito moderno somada aos avanços da tecnologia da informação impulsionam a CI a repensar a forma de focar o sujeito. Talvez um olhar subjetivo e antropológico seja um bom caminho, pois é necessário compreender que, por detrás dos processos tecnológicos de tratamento e transferência da informação existem sujeitos, relações e práticas sociais envoltos num universo cultural.

2. INFORMAÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDO



Desenho:

Vagner Luiz Caldeira da Silva (27 anos, morador de Ribeirão das Neves, 2005).

Frente a esfera da cultura, os processos de informação, comunicação e conhecimento estão constantemente se sobrepondo. Considerando a informação no contexto das práticas sociais é necessário que ela seja uma espécie de síntese construída num projeto coletivo a partir das contradições naturais existentes no convívio do dia a dia. Do ponto de vista do senso comum, do acervo social do conhecimento é necessário que as informações sejam facilmente transmissíveis e de acesso imediato como estruturas que oferecem probabilidade de sentido, ou seja, que têm a capacidade de gerar conhecimento. O papel ativo do sujeito da informação é evidenciado nesse processo, tratando o ato de conhecer como assimilação da informação através de suas estruturas mentais.

2.1 Informação e Cotidiano

Segundo BARRETO (2002, p.49), a informação pode ser vista como um instrumento que modifica a consciência do indivíduo e de seu grupo social, estabelecendo uma relação entre informação e conhecimento, que só se realiza se a informação for percebida e aceita como tal, “*colocando o indivíduo em um estágio melhor de desenvolvimento, consciente de si mesmo e dentro do mundo onde se realiza a sua odisséia individual*”.

Articulada pelo sujeito em sua intersubjetividade, a assimilação da informação é um dos pontos no estudo das práticas informacionais e está diretamente ligada às estruturas sociais, ao processo da dinâmica cultural e seus atos simbólicos envoltos pelo senso comum, pelo conhecimento e pela vida cotidiana.

É importante perceber que a assimilação da informação estrutura-se em termos das conveniências do sujeito. A respeito dessa constatação, BERGER & LUCKMANN (1996) mostram o quanto interesses pragmáticos imediatos de um sujeito determinam suas conveniências, entretanto estas estruturas de conveniências

cruzam as estruturas de conveniências dos outros em muitos pontos. Essas situações têm implicações diretas no processo das práticas de informação.

Os argumentos do senso comum são estabelecidos a partir da experiência. Para investigar o viver cotidiano como espaço de produção de conhecimento, é necessário absorver a idéia de senso comum. MARTELETO (2002) recomenda que a análise do senso comum deve iniciar-se por um processo em *“que se formule uma distinção que parece esquecida, entre uma compreensão da realidade feita casualmente e uma sabedoria coloquial que julga e avalia a realidade”* (MARTELETO, 2002, p.11).

A dinâmica da cultura é ponto de partida para essa reflexão, compreendida não apenas como um lugar subjetivo, mas que abrange uma objetividade com a espessura que tem a vida, por onde passa o econômico, o político, o religioso, o simbólico e o imaginário. Segundo MINAYO (1996) a cultura *“é o locus onde se articulam os conflitos e as concessões, as tradições e as mudanças e onde tudo ganha sentido, ou sentidos, uma vez que nunca há apenas um significado”*.

No estudo da cultura, os significantes não são sintomas ou conjuntos de sintomas, mas atos simbólicos ou conjuntos de atos simbólicos. Sendo que, quando se estuda o universo da cultura e especificamente o cotidiano o *“objetivo é tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados”*(GEERTZ, 1989, p.38).

Observar os aspectos tidos como superficiais da existência pode se transformar num mergulho na efervescência das relações sociais. Segundo MARTELETO (2002), na prática mais do que na teoria, nos espaços de organização da ação coletiva foram se desafiando os paradigmas e os métodos da ciência positivista e das ações do Estado de engenharia social que lhe correspondem, *“questionando-se o caráter inevitavelmente progressista da ciência, valorizando o conhecimento prático e tácito, demonstrando o caráter social de todas as formas de conhecimento”*. (MARTELETO, 2002, p.113).

A esfera social se produz e reproduz, no cotidiano, envolta pelos “fatos pequenos” os quais merecem atenção e serem contemplados como importantes

objetos investigativos. O mundo cotidiano é o mundo da intersubjetividade, do senso comum, do saber tácito, da ação das pessoas comuns. Contudo, HELLER (1989) alerta para o fato de que a realidade cotidiana é a que mais se presta à alienação. Visto que os papéis rotineiros e hábitos diariamente repetidos sem senso crítico podem corromper e aniquilar perspectivas futuras.

“Na coexistência e sucessão heterogêneas das atividades cotidianas, não há por que revelar-se nenhuma individualidade unitária; o homem devorado por um e em seus ‘papéis’ pode orientar-se na cotidianidade através do simples cumprimento adequado desses ‘papéis’ ” (HELLER, 1989, p.37).

Sendo o cotidiano o espaço onde a vida acontece, nele se verifica de forma concreta as práticas de trabalho, de comunicação, de informações e de sobrevivência. Assim observamos que o contexto informacional cotidiano é o ambiente dos processos de transformação individual e social, por onde flui a assimilação, a aprendizagem, a aquisição, a apropriação de informações, onde esse processo se dá na perspectiva de execução de ações práticas.

As interações vividas no mundo dos indivíduos são extraídas do entendimento ou significado gerado pela recepção dos sujeitos. Em outros termos, implica estabelecer uma relação entre os significados da vida cotidiana dos sujeitos e a informação considerada relevante para suas necessidades.

A realidade da vida cotidiana apresenta-se, então, como um mundo intersubjetivo, um mundo do qual os sujeitos participam coletivamente. De fato, o sujeito não pode existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros. A linguagem exerce papel vital nessa interação, fornece aos sujeitos as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado.

A transmissão da realidade da vida, no dia-a-dia, se dá por meio da linguagem. É onde o mundo das idéias está constituído. A linguagem comum se

apresenta através de argumentações na qual é possível perceber a validade e a verdade de como os sujeitos pensam e onde suas ações são refletidas.

2.2 Sujeito informacional e produção de sentidos

O papel dos fluxos de informação nas estruturas sociais recai sobre o senso comum, em que se baseia a vida como um todo, que conforma um sistema cultural a partir da elaboração dos discursos, imagens, textos e sentidos.

Os significados de uma estrutura de informação não está embutido ou inscrito totalmente no texto oral - transmitido face a face ou escrito. Embora o texto carregue um sentido pretendido pelo autor, ele é polissêmico e, como tal, oferece possibilidades de ser reconstruído a partir do universo de sentidos do sujeito que recebe ou busca determinada informação. Este sujeito atribui à informação recebida, coerência através de uma negociação de significados.

Num estudo sobre a produção de sentidos de textos, FERREIRA & DIAS (2004) trazem observações em torno da compreensão da leitura, a partir do argumento de que ela (a leitura) não é orientada apenas pelas marcas gráficas do texto, mas, sobretudo pelo modo como o leitor apreende e interpreta a intenção do autor. As autoras defendem, ainda, que esta interpretação ocorre no momento da interação leitor/autor, gerando sentidos que variam de acordo com o leitor e com a natureza dessa interação.

Os pressupostos sobre o processo de inferência e produção de sentidos estabelecidos por FERREIRA & DIAS (2004), serão transportados para o universo das práticas de informação onde deverá ser somado a esses pressupostos, o entendimento do sujeito como um sujeito interativo-informacional¹. Na interação com a informação, o sujeito, ao compreendê-la vai modificando, ajustando e

¹ Sujeito concebido como “aquele que, a partir de uma prática social e histórica, procura interagir com a informação, contextualizando-a para criticamente construir sentidos”. FREIRE & AQUINO (2000, p.77).

ampliando suas concepções, as quais exercem um impacto sobre a sua percepção. A sua posição frente à realidade se altera e esta já não é mais vista como antes, porque a nova perspectiva assumida pelo sujeito ampliou sua compreensão da realidade.

A partir disso, pode-se concluir que a compreensão é um processo de negociação de sentidos que está sustentada no sujeito, na situação pragmática e na informação. Assim para compreender o sentido que determinada estrutura de informação produz, faz-se necessário analisar três elementos básicos constituintes das práticas de informação a saber: o sujeito, a informação e o contexto.

Na produção de sentidos, o sujeito desempenha um papel ativo, sendo as inferências um processo cognitivo relevante para esse tipo de atividade. Isto ocorre porque elas possibilitam a construção de novos conhecimentos a partir de dados previamente existentes na memória do sujeito, os quais são ativados e relacionados às informações recebidas.

É o processo inferencial que vai permitir e garantir a organização dos sentidos elaborados pelo sujeito na sua relação com determinada informação. Acredita-se que, além de favorecer a organização das relações de significado relativas à informação, o processo inferencial permite destacar a *malha* ou *teia* de significados que o sujeito é capaz de estabelecer diante da assimilação da informação. Essas relações não são aleatórias, mas se originam no encontro-confronto de dois universos no momento da prática de informação: o do sujeito e o da estrutura de informação.

Segundo FERREIRA & DIAS (2004, p.441), que citam MARCUSCHI (1985² e 1989³), as inferências são processos cognitivos

“que implicam a construção de representação semântica baseada na informação textual e no contexto, sendo justamente a capacidade de reconhecimento da intenção comunicativa do

² Marcuschi, L. A. Leitura como processo inferencial num universo cultural cognitivo. **Leitura, Teoria e Prática**, v.4, p. 1-14, 1985.

interlocutor, e mais precisamente do autor, no caso do texto escrito, que caracteriza o leitor maduro e, portanto, crítico, questionador e reconstrutor dos saberes acumulados culturalmente.”

Transpondo-se para a perspectiva das práticas de informação enquanto ato comunicativo e construtivo, o sujeito interativo-informacional pode ser considerado maduro quando é capaz de assimilar e utilizar adequadamente as informações disponíveis, estabelecendo ligações relevantes entre a informação recebida e o seu conhecimento prévio. Na atividade de negociação, contextos cognitivos surgem e se modificam a cada momento da prática de informação, exigindo dos interlocutores uma constante revisão e ajustamento aos novos contextos.

Como o jovem é o sujeito interativo-informacional investigado nesta pesquisa, não se espera que o mesmo tenha comportamento “maduro” diante de fluxos informacionais. Fazendo um contraponto ao “*leitor-aprendiz*” apresentado por FERREIRA & DIAS (2004, p.441) o jovem será abordado, então, como “sujeito interativo-informacional-aprendiz”. Segundo as autoras as crianças e jovens são capazes de fazer inferências, embora esta capacidade seja limitada por fatores cognitivos e pelo alcance de situações nas quais possam utilizar sua habilidade inferencial básica. Diante do exposto, pode-se afirmar “*que a atividade inferencial é uma habilidade que aumenta com a idade*”, estando sujeita ao desenvolvimento cognitivo, às vivências e às situações de aprendizagem. FERREIRA & DIAS (2004, p.442).

³ Marcuschi, L. A. **O processo inferencial na compreensão de textos**. Relatório Final apresentado ao CNPq. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco,

2.3 Sujeito interativo-informacional e os meios de comunicação de massa

No ponto de interseção com a comunicação, além da linguagem se faz necessário abordar a informação veiculada pelos meios de comunicação de massa.

Os meios de comunicação são vistos, segundo SOUSA (1995, p.35), não apenas como veículo, mas como expressão que questiona e reconhece, os espaços de construção de valores, ainda que sejam valores grupais. Os espaços aos quais o autor se refere são ao mesmo tempo de negociação e de debates, já que valores, longe de serem expressão de sentido dado apenas pelo produtor ou pelo receptor são, segundo ele, o que exprime o processo no mesmo local no qual eles ocorrem.

Algumas pesquisas de recepção recentemente realizadas têm confirmado, segundo BORELLI (1995), o pressuposto teórico da existência de um contrato de leitura, ou melhor, de um *pacto de recepção* que prevê que os leitores/espectadores possam se situar como sujeitos ativos, constitutivos e constituintes dos processos de comunicação.

Mediados por suas experiências cotidianas e por repertórios que resultam de suas posições de classe, gênero, geração, etnia e formas de subjetivação, os receptores mergulham no fascínio das narrativas, histórias, enredos e personagens, reconhecendo os territórios de ficcionalidade, dialogando com as dimensões da videotécnica, estabelecendo conexões de projeção e identificação e construindo uma competência textual narrativa. (BORELLI, 1995).

A prática de informação é eminentemente situacional. Adquire conotações diferentes de acordo com a posição dos sujeitos nos processos comunicacionais e de acordo com o seu poder maior ou menor sobre o significado e a posse legítima dos meios para absorvê-los e interpretá-los.

Absorver e interpretar informações, principalmente as veiculadas pelos meios de comunicação de massa, de certa forma induz a pensar na indústria cultural, numa estrutura comunicacional que é dada a partir da emissão e que “*não supõe, em nenhum momento alguma alteração comunicacional. A única liberdade reservada ao receptor é a de escolher entre diferentes mensagens*” (MARTELETO, 1992, p.107), e isso não altera as relações de comunicação que normalmente são orientadas pelo lucro.

Sob esse aspecto a atuação dos meios de comunicação de massa provocam uma situação, por vezes, ambígua, onde ao mesmo tempo que informam lançam uma avalanche de informações irrelevantes, tendenciosas, imprecisas, repetitivas, distorcidas e inadequadas, que acabam por confundir os sujeitos envolvidos nessa rede de fontes e canais de informações de acessibilidade fácil. A esse respeito, FIGUEIREDO (1979, p.128) fala de um “*princípio do menor esforço*” justificado pelo fato de que, habitualmente, uma fonte de informação é escolhida por demandar menor custo em termos de esforço físico e psicológico, não tanto por ser, talvez, a mais indicada para o fornecimento de determinada informação mas sim pela facilidade do acesso.

E assim, a informação chega aos jovens de forma mais direta através do rádio e da televisão. Nesses veículos a ambiguidade se faz presente onde

“convivem num mesmo universo iniciativas de debate crítico dos problemas sociais, informações consistentes sobre abuso de drogas, prevenção da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis e da AIDS, orientação para educação e a escola profissional com programas de banalização da violência, erotização exacerbada da adolescente com respectiva valorização de comportamentos machistas dos adolescentes”.
(UNICEF, 2002b, p.55)

A esse respeito, Agência de Notícias dos Direitos da Infância – ANDI⁴ acompanha de maneira constante, desde março de 1997 a evolução do comportamento editorial da mídia jovem. Entre os diversos produtos gerados destaca-se a "*Pesquisa ANDI - Os Jovens na Mídia*". É um projeto dedicado aos suplementos de jornais e revistas. A pesquisa oferece uma mensuração do volume de matérias socialmente significativas, trabalhadas por este segmento da mídia a cada seis meses. Por meio de um sistema de classificação, alguns temas são considerados como de 'Relevância Social': Aids & DST; Cultura; Direitos & Justiça; Drogas; Educação; Família; Formação Profissional; Gravidez; Meio Ambiente; Mídia; Portadores de Deficiência; Projetos Sociais; Protagonismo Juvenil; Saúde; Sexualidade e Violência.

As temáticas relacionadas à saúde do jovem e do adolescente vêm registrando tendência de crescimento ao longo das edições da Pesquisa realizada pela ANDI.

“Isso não significa, entretanto, que já tenham alcançado o patamar ideal. Assuntos prioritários, como a prevenção à Aids e às DST, vêm aos poucos rompendo a resistência, durante muito tempo cristalizada, nas pautas de alguns veículos. A questão da gravidez precoce, porém, ainda encontra sérios limites em um número preocupante de publicações” (VIVARTA, 1999)

Neste cenário, a informação assume uma maneira de comunicar as visões de mundo para e entre os jovens, com todas as suas influências, necessidades e urgências.

Diante do exposto fica como ponto reflexivo a possibilidade de pensar o jovem de periferia urbana como um sujeito interativo-informacional-aprendiz.

⁴ ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância, ONG de Brasília, que vem desenvolvendo uma série de projetos voltados para apoiar os profissionais de imprensa a realizar uma cobertura das questões relativas à infância e à adolescência, a partir da ótica dos direitos humanos.

A partir do pressuposto de que o sujeito interativo-informacional-aprendiz tem capacidade de interagir com a informação contextualizando-a e construindo sentidos com visão crítica, cabe aqui considerar e analisar a realidade cultural e sócio-econômica dos jovens de periferia urbana e suas habilidades cognitivas e inferenciais. Parece que apenas a maturidade do ponto de vista da idade não é suficiente para que tenham capacidade de produzirem sentidos diante de determinada estrutura informacional, neste caso a competência cognitiva (em formação) e suas vivências pessoais também são fundamentais na dinâmica da produção de sentido.

3. JUVENTUDE E GRAVIDEZ PRECOCE: A INFORMAÇÃO EM QUESTÃO



Desenho:

Vagner Luiz Caldeira da Silva (27 anos, morador de Ribeirão das Neves, 2005).

De modo geral, a juventude é vista simplesmente como uma categoria geracional. As sociedades compreendem de forma distinta as fases da vida. Cada qual possui um conjunto de valores, comportamentos e leis que tratam a respeito desse momento. Definir juventude levando em consideração apenas os aspectos psicológico e etário/cronológico pode ser um erro, visto que são várias as dimensões que influenciam a condição juvenil. Aspectos como etnia, classe social, crença/religiosidade, localidade, entre outras, são dimensões importantes de serem consideradas ao se tratar da condição juvenil. Sendo assim faz-se necessário entender a juventude, também, como uma condição social.

Segundo dados do Censo 2000, estima-se que no Brasil existem cerca de 8 milhões de adolescentes com idade entre 12 e 18 anos incompletos, cujos níveis de escolaridade e renda limitam suas condições de desenvolvimento. A condição de exclusão desses adolescentes expressa-se de diferentes formas: no seu analfabetismo, no abandono escolar, no trabalho infantil, entre outros. É esse o número de brasileiros e brasileiras, que além da defasagem escolar, pertencem a famílias com renda per capita menor que meio salário mínimo.

As condições sócio-econômicas, regionais e culturais traduzem quem são os jovens brasileiros. Esses são aspectos que demonstram o quanto a conceituação e a periodização da questão adolescente se tornam tarefa complexa.

Pelo Novo Código Civil⁵, a maioridade no Brasil se dá aos 18 anos de idade é quando a pessoa está habilitada à prática de todos os atos da vida civil. Entretanto o Novo Código abre a possibilidade da emancipação aos 16 anos de idade, estabelecendo que os maiores de 16 anos e menores de 18 anos são considerados relativamente incapazes a certos atos, ou à maneira de exercê-los. Do ponto de vista legal, de acordo com o Código Penal⁶, os menores de 18 anos são considerados

⁵ Lei 10.406 de 10 de janeiro de 2002 (Novo Código Civil Brasileiro) arts.3º, 4º e 5º.

⁶ Decreto-lei 2848 de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal) art. 27.

inimputáveis, cabendo ao Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA⁷, dispor sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

O ECA, para os efeitos da lei, considera adolescente a pessoa que tenha entre 12 e 18 anos. Já a Organização Mundial de Saúde preconiza que seja considerada adolescência o período que vai dos 10 aos 19 anos de idade. Para o IBGE a juventude transcorre entre os 15 e 24 anos. Essa variação etária comprova o quanto é complexo definir juventude.

Trataremos aqui do tema gravidez precoce, que é um problema da juventude e, especificamente, da adolescência brasileira. Para efeitos práticos da pesquisa, seguiremos a padronização etária estabelecida pelo ECA, que determina como adolescente a pessoa entre doze e dezoito anos. Importante mencionar a relevância do Estatuto que, apesar das críticas, trouxe uma evolução para a questão da criança e do adolescente no Brasil. Por ser uma lei, o ECA, por si só, não resolve os grandes problemas sociais enfrentados pelos adolescentes, principalmente nos grandes centros urbanos. ABREU (1999) reforça afirmando que tais problemas são fruto de políticas equivocadas e que a solução se daria com “*inversões de prioridades de natureza política e econômica, ainda um sonho longe de ser realizado*” (ABREU, 1999, p.10).

À gravidez precoce são atribuídas inúmeras abordagens como as de natureza jurídica, psicológica, social, biológica, religiosa. A abordagem aqui será em torno dos riscos sociais de uma gravidez precoce. O abandono escolar é um dos itens que compõem o risco social da gestação na adolescência que conseqüentemente gera uma reação em cadeia de outros problemas como baixa escolaridade, má colocação no mercado de trabalho, baixa renda, conflitos familiares, reincidência de gravidez ainda na adolescência.

A gravidez precoce é um tema recorrente na literatura da área da saúde e de outras áreas como a demografia, sociologia e psicologia social. Nesses estudos são mencionados uma série de fatores etiológicos ou uma rede multicausal determinante nos estudos desta temática. SANTOS JUNIOR (1999) detalha alguns itens dessa

⁷ Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. (Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA).

rede e explica que ao analisar os possíveis fatores etiológicos ligados ao incremento das gestações precoces, é fácil perceber o quanto são complexos, “*pois os mesmos apontam para a existência de uma enorme ‘rede multicausal’ tornando , assim, os adolescentes vulneráveis a essa situação*”.

Entre os fatores dessa rede multicausal, um é recorrente na literatura, principalmente da área da saúde: o fator que diz respeito à informação. Nos estudos que tratam da temática da gravidez precoce é comum os estudiosos tecerem considerações a respeito das causas das gestações precoces. Há um elenco de causas que favorecem esse quadro, como a vulnerabilidade social dos jovens, baixa escolaridade, baixa renda, desestrutura familiar, falta de informação, ente outros fatores.

É comum, nestes estudos, a questão da informação aparecer, por vezes, vinculada aos métodos contraceptivos, ao planejamento familiar, ou à ineficiência do sistema de saúde pública.

“Diversos fatores, entre eles a falta de informação adequada, fatores sociais que, por um lado, estimulam a vida sexual das adolescentes e por outro a condenam, e a falta de acesso a serviços adequados para as pessoas nessa faixa etária, levam uma grande parte dos adolescentes a iniciar sua vida sexual sem usar anticoncepção, apesar de não desejar uma gravidez”. DÍAZ & DÍAZ (1999)

Alguns autores se referem à temática “informação” utilizando termos como: desinformação; ignorância; falta de informação; pouca informação; falta de conhecimento. Com frequência relacionam a temática informação ao nível sócio-econômico da população estudada, i.e., nas populações de baixa renda pesquisas comprovam que quanto menos informados são os jovens, maior o índice de casos de gestações precoces.

De acordo com o IBGE⁸, no Brasil existem cerca de 21 milhões de jovens com idade entre 12 e 18 anos (incompletos), que representam 12,5% da população brasileira. Adolescentes cujos níveis de escolaridade e renda limitam suas condições de desenvolvimento e comprometem o futuro do país. Esses brasileiros e brasileiras pertencem a famílias com renda per capita menor que meio salário mínimo.

O UNICEF em 2001 realizou duas grandes pesquisas sobre a população jovem do Brasil⁹ e constatou, entre outras coisas, que

“ao lado do crescimento da violência, das doenças sexualmente transmissíveis e do abuso de drogas, que afetam sensivelmente os adolescentes, a gravidez precoce reforça o ciclo de reprodução da exclusão”.
(UNICEF, 2002b, p.57).

Importante ter em mente que a juventude no Brasil não pode ser encarada como uma realidade homogênea. Cada região brasileira é marcada por grandes diversidades e desigualdades em seus aspectos naturais, sociais e culturais. Em termos de Brasil há uma rica heterogeneidade juvenil.

Na perspectiva de trabalhar com juventude e informação, a condição juvenil será tratada aqui como um fenômeno criado e sustentado culturalmente, entendido na sua intersubjetividade, nas suas interações sociais e nas suas práticas de informação e comunicação cotidianas, enfatizando aspectos sociológicos, antropológicos e políticos.

3.1 O jovem de periferia urbana

São preocupantes as marcas identitárias da atual geração de jovens brasileiros que residem em periferias urbanas. Há um estigma de reconhecer estes

⁸ Dados do Censo 2000.

jovens pelo desencanto com o futuro, pelas meninas grávidas, pelo uso de drogas e pela participação em atos violentos. Em sua pesquisa com jovens em situação de risco, CASTRO & ABRAMOVAY (2002, p.161), entre outras identificações dos jovens da periferia, demonstram que há na juventude um descontentamento por sua exclusão social agravada, onde os jovens buscam, de forma violenta, reconhecimento e valorização como cidadãos.

As causas dessa marca identitária são múltiplas, mas podem-se destacar com relevância a pobreza material, a má qualidade da educação, o desemprego e a falta de alternativas de lazer e cultura. CAVALCANTI (2000) destaca a situação desses adolescentes que, no dia-a-dia vivenciam um estado de tensão constante, devido ao conflito entre a fantasia e a realidade. As crianças e os adolescentes são “*submetidos às pressões de consumo que a sociedade divulga através dos meios de comunicação e sonham com um mundo que se encontra fora de sua casa*”. Dentro dessa realidade o jovem produz e reproduz um quadro de desejos difíceis de serem alcançados por eles e assim a juventude nos bairros pobres, numa incidência cada vez maior, fatalmente “*se integra ao tráfico de drogas para obter por um breve momento dinheiro suficiente para realizar alguns de seus sonhos de consumo e que rapidamente acaba em prisão ou morte*” SORJ(2000, p.82).

Devido a essa realidade preocupante, expressivos estudos e pesquisas¹⁰ vêm sendo desenvolvidos em torno dos problemas da juventude brasileira, onde apresentam dados comprovando que a situação do jovem de periferia urbana não está banalmente estereotipada, ela é uma realidade e já se tornou um grave problema social.

⁹ UNICEF. **A voz dos adolescentes**. Brasília, 2002. / UNICEF. **Situação da adolescência brasileira**. Brasília, 2002.

¹⁰ CASTRO & ABRAMOVAY, 2002; UNICEF, 2002a., 2002b; IBGE, 1999; CNPD, 1998; FUNDAÇÃO, 1999.

3.1.1 Juventude em Ribeirão das Neves

Ribeirão das Neves é um dos 34 municípios que compõem a Região Metropolitana de Belo Horizonte - RMBH. A cidade, que completa 52 anos em 2005, teve o povoamento de suas terras iniciado em meados do século XVII, com seu crescimento tomando impulso, na era Vargas, após a implantação da Penitenciária Agrícola de Neves, em 1938. O Município foi criado em 1953, ao se emancipar de Pedro Leopoldo, conforme Lei Estadual 1.036.

Nas últimas décadas experimentou as maiores taxas de crescimento demográfico de Minas Gerais. Na década de 70 chegou a situar-se entre os municípios de maior crescimento demográfico no país e sua população aumentou à taxa de 20% ao ano. A partir de então, foi alvo de um processo desenfreado de abertura de loteamentos, irregulares em sua maioria, recebendo intensos fluxos migratórios dos quais participava a parcela mais pobre da população da própria RMBH e de outras regiões do estado.

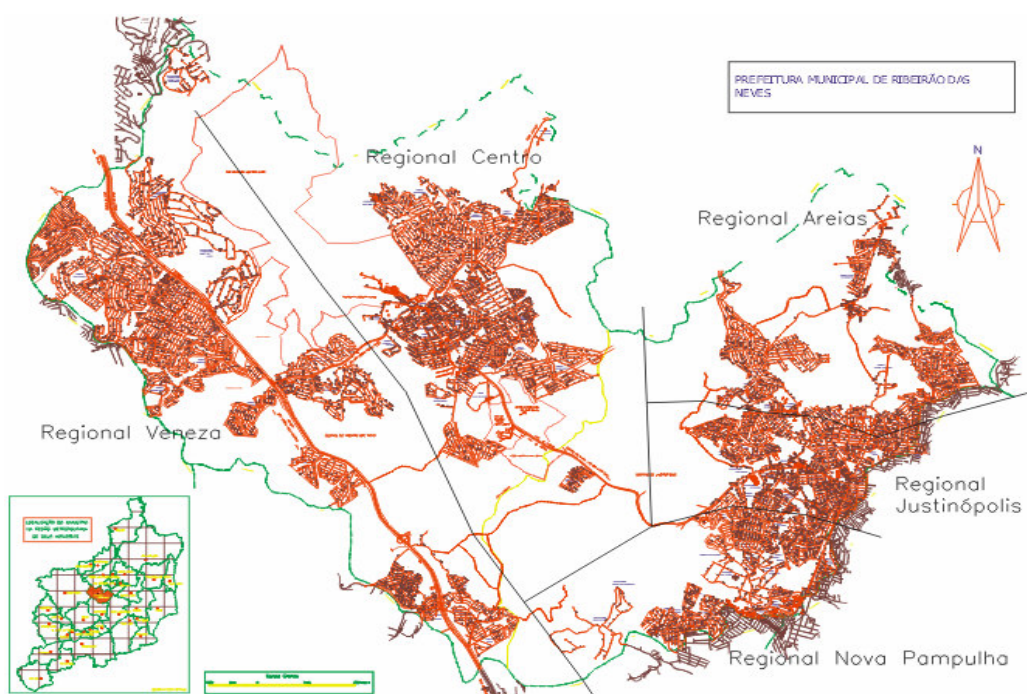


FIGURA 1 - Mapa do Município de Ribeirão das Neves
FONTE - Prefeitura Municipal de Ribeirão das Neves.

Nos anos 90 o território já encontrava-se tomado pelas forças metropolitanas que estruturam plenamente sua ocupação. Neves é uma típica cidade periférica, alvo da especulação imobiliária. É tida como “*cidade dormitório de uma população de baixa renda, caracterizada como periferia do aglomerado metropolitano*” (GESTÃO, 2000, p.336)

Conforme informado pela Prefeitura de Ribeirão das Neves, o Município hoje é constituído por três regiões, que com suas peculiaridades poderiam ser cidades independentes. Na Figura 1 vê-se no mapa a Sede, chamada de Regional Centro, a região do Veneza e regiões subjacentes, que se localizam às margens da BR 040 e a região de Justinópolis, que engloba a região do Areias e o bairro Nova Pampulha. Estas regiões são geográfica e economicamente independentes.

A população de Neves continua apresentando elevada taxa de crescimento. No período 1991-2000, a população teve uma taxa média de crescimento anual de 6,43%, passando de 143.853 habitantes em 1991 para 246.846 habitantes em 2000. Segundo estimativa para 2005 do IBGE a população poderá ultrapassar os 300 mil habitantes.

Ribeirão das Neves	1991	2000
População Total	143.853	246.846
Taxa de Urbanização	83,37%	99,41%

TABELA 1 - Crescimento da População em Ribeirão das Neves
 FONTE - PNUD, Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2003.

Em 2000, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Ribeirão das Neves foi calculado em 0,749. Segundo a classificação do Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento (PNUD), o município está entre as regiões consideradas de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8).

Conhecida popularmente como cidade-presídio, a cidade não atrai investimentos financeiros, mantendo um quadro de pobreza econômica gravíssimo. Atualmente a renda per capita média do município é de 30,23%, passando de R\$

122,20 em 1991 para R\$ 159,14 em 2000. A pobreza¹¹ diminuiu 30,27%, passando de 43,9% em 1991 para 30,6% em 2000.

Apesar de uma ligeira evolução nos seus indicadores sócio-econômicos, o imperativo da desigualdade social permanece, pois além da pobreza, Neves também apresenta altos índices de criminalidade e desemprego, condições ambientais e habitacionais críticas e atendimento médico precário.

Com relação a população jovem, o Censo 2000 mostra que mais de 40% da população de Ribeirão das Neves é constituída por jovens. Os cidadãos de 10 a 19 anos de idade somavam, em 2000, aproximadamente 53 mil pessoas.

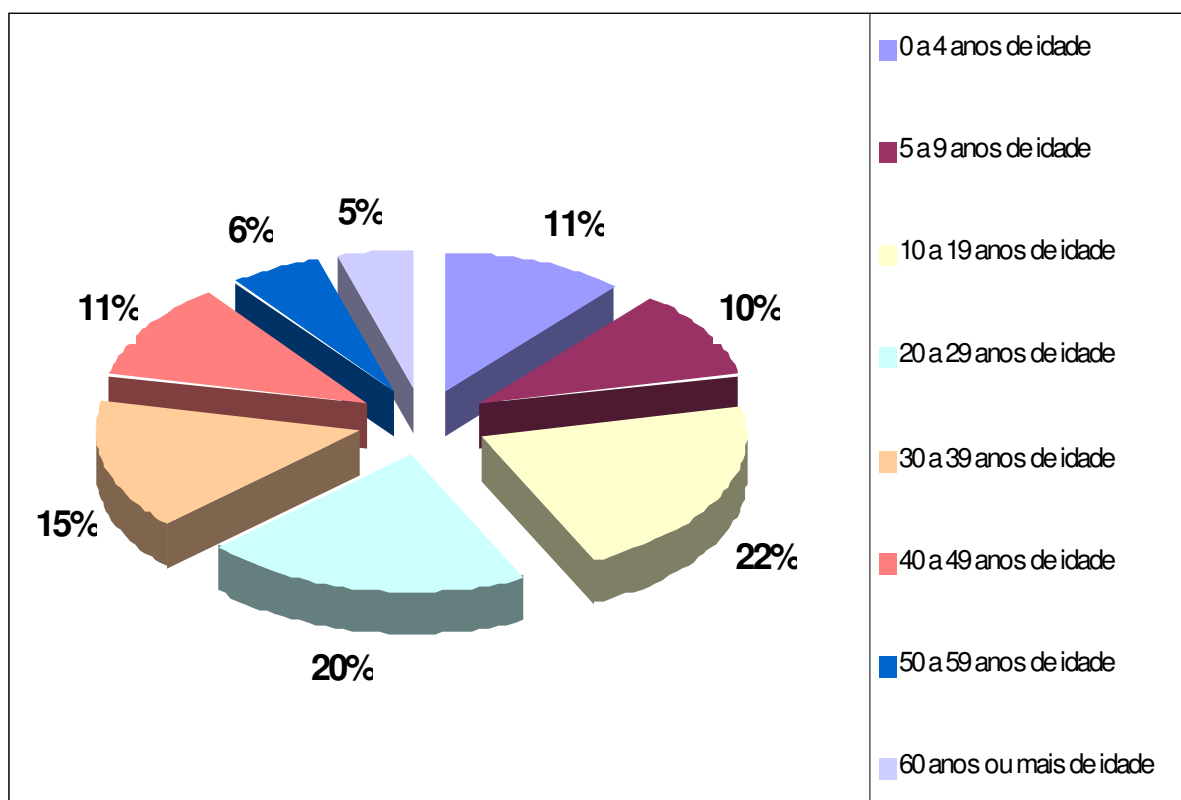


GRÁFICO 1 - População residente em Ribeirão das Neves -MG
 FONTE - IBGE. Censo Demográfico 2000.

A Cidade já conta com os Conselhos Tutelar e de Direitos da Criança e do Adolescente, instâncias estabelecidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, e desde o início de 2005 está em atividade a Vara da Infância e da Juventude

¹¹ medida pela proporção de pessoas com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 75,50, equivalente à metade do salário mínimo vigente em agosto de 2000, PNUD- Atlas do Desenvolvimento Humano.

sob os cuidados de um Juiz de Direito e Promotoria Pública. Do ponto de vista da infância, apesar de estar apenas no início de uma longa jornada, o Município tem dado bons exemplos de atuação, entretanto não se pode dizer o mesmo com relação aos jovens.

As ações do poder público voltadas aos jovens são poucas. Segundo a Secretaria Municipal do Trabalho e Promoção Social - SEMPRO, a Cidade conta com os seguintes programas voltados para o público juvenil: Programa “Curumim”, Projeto “Fica Vivo”, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI e Patrulha de Prevenção às Drogas.

O Programa “Curumim” visa, por meio de atividades esportivas, culturais, artísticas e de lazer, incluindo alimentação e vestuário, atender crianças e adolescentes com idade entre 6 e 14 anos no período complementar ao da escola, ou seja, jornada ampliada. O programa enfatiza a elevação do nível de bem estar da criança e do adolescente, concentrando-se na promoção, propiciando e fortalecendo o envolvimento do núcleo familiar no processo de formação e seu desenvolvimento integral, incentivando a permanência da criança e do adolescente na escola. O Programa Curumim tem apenas um núcleo na cidade e atende cerca de 200 crianças.

O PETI é um Programa concebido pelo Governo Federal e executado em parceria com a Secretaria Municipal do Trabalho e Promoção Social - SEMPRO e a sociedade civil. O PETI foi implantado no Município em 2000 e tem como finalidade retirar as crianças e adolescentes de 07 a 15 anos de idade do trabalho perigoso, penoso, insalubre e degradante. O público atendido são famílias atingidas pela pobreza e pela exclusão social, com renda per capita de até ½ salário mínimo, com filhos na faixa etária de 7 a 15 anos que trabalham em atividades insalubres, degradantes ou perigosas. Até o início de 2005 o programa contava com 6 núcleos e atendia um total de 430 crianças e adolescentes.

O Programa ‘Patrulha de Prevenção às Drogas’ da Polícia Militar vem sendo desenvolvido com os jovens da região de Justinópolis. O objetivo do Programa é estabelecer um contato pessoal e direto com a juventude através de palestras

preventivas. A atuação é dirigida aos locais de grande concentração de jovens, como escolas, igrejas, rodas de capoeira e na comunidade em geral. Os encontros ficam sob a responsabilidade de dois militares capacitados para tratar do tema.. Nas palestras as informações são repassadas com muita propriedade de forma dinâmica e com grande interatividade entre a platéia jovem e os palestrantes. Os militares mergulham no universo juvenil e conseguem tratar dos problemas e das ansiedades que afligem os jovens de hoje como: a desestruturação familiar, religiosidade, educação, mídia e sexualidade com muita seriedade e bom humor. Nos seus dois anos de atuação o Programa alcançou números expressivos com um público atendido superior a 4.000 pessoas em sua maioria jovens.

Em fase de implantação, o “Fica Vivo” é um projeto piloto de prevenção à violência urbana que vem contribuindo significativamente para reduzir o número de homicídios em áreas violentas de Belo Horizonte e Região Metropolitana. Criado pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), este projeto é coordenado pela Secretaria Estadual de Defesa Social de Minas Gerais, Secretaria Municipal do Trabalho e Promoção Social e envolve ainda o Ministério Público, as polícias Civil e Militar e outras entidades.

A pouca eficiência do poder público leva a sociedade civil a se mobilizar e com isto a cidade de Ribeirão das Neves conta com esforços do terceiro setor, para minimizar os agravantes sociais da universo juvenil. Um exemplo expressivo e bem sucedido é a “Cidade dos Meninos”, instituição de caráter filantrópico que abriga cerca de 1.500 adolescentes entre 13 e 17 anos de idade, selecionados pela pobreza material em que vivem. A Obra é mantida e dirigida por um grupo de empresários, através de contribuições voluntárias e parcerias com o poder público. O projeto é grandioso e ambicioso para um município com as características de Ribeirão das Neves. Na “Cidade dos Meninos” os jovens (rapazes e moças) são acolhidos em regime de internato e semi internato, onde é oferecido moradia, escola, lazer, cursos profissionalizantes, formação cristã e bons hábitos.

Apesar de todos os esforços, as ONGs e entidades filantrópicas não conseguem, sozinhas, solucionar tantos problemas. Afinal de contas se trata de aproximadamente 32 mil adolescentes. É preciso intervenção séria e comprometida por parte do poder público.

A educação em Ribeirão da Neves melhorou nos últimos 10 anos. Com relação à população jovem, segundo ATLAS (2003), observa-se que houve queda do percentual de adolescentes analfabetos. Por exemplo, em 1991 na faixa etária de 15 a 17 anos 4,5% dos jovens eram analfabetos, em 2000 esse número caiu para 1,6%. Outro dado significativo diz respeito ao acesso à escola. A Tabela 2 apresenta dados comparativos mostrando, dentre outras informações, que em 1991 45,9% dos jovens de 15 a 17 anos freqüentavam a escola, já em 2000 observa-se que 77,9% dos jovens dessa faixa etária estavam na escola.

Nível Educacional da População Jovem, 1991 e 2000								
Faixa etária (anos)	Taxa de analfabetismo		% com menos de 4 anos de estudo		% com menos de 8 anos de estudo		% freqüentando a escola	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000	1991	2000
7 a 14	18,1	6,7	-	-	-	-	87,0	96,4
10 a 14	6,4	1,9	67,4	34,2	-	-	86,3	96,3
15 a 17	4,5	1,6	23,3	7,2	91,4	57,3	45,9	77,9
18 a 24	3,8	2,5	14,3	10,5	77,7	47,3	-	-
- = Não se aplica								

TABELA 2 - Nível educacional da população jovem dos anos de 1991 e 2000

FONTE - PNUD, Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2003.

Entretanto, a boa evolução dos dados na educação ainda não foi suficiente para melhorar o perfil destes jovens.

O produto resultante da intercessão da pobreza material com o grande número de habitantes desta faixa etária aliado ainda a falta de políticas públicas e de meios para o desenvolvimento educacional e social, conduzem estes jovens a um mundo sem opções, onde poucos conseguem fugir da constante que produz mais pobreza e os expõem a um quadro preeminente de vulnerabilidade social.

A escola que poderia transforma-se em ponto de referência e transformação destes adolescentes não tem tido recursos e condições para cumprir seu papel satisfatoriamente. No município 99% das escolas que atendem aos jovens são da rede estadual. A juventude de Ribeirão das Neves enfrenta desafios típicos da juventude que reside em periferia urbana como a falta de atividades extracurriculares, a carência de espaços para a prática de esportes e lazer, além do agravante do desemprego. Assim ao encerrar as atividades de sala de aula e sem ter com o que se ocupar, os jovens sofrem com a ociosidade. Tendo a escola e a família suas limitações em lidar com os jovens, estes ficam expostos aos valores da sociedade moderna com todos os seus apelos consumistas, sofrendo o assédio do mundo da criminalidade e das drogas.

Os apelos consumistas são amplamente divulgados pelo rádio e televisão. Pesquisa feita com jovens brasileiros pelo UNICEF (2002b) mostra que a televisão ganha destaque na preferência da juventude. A maioria dos jovens entrevistados consideram boa a programação da televisão, sendo as novelas, filmes e desenhos animados os programas preferidos. Os jovens pesquisados nas regiões metropolitanas das principais cidades brasileiras, acham a televisão mais sedutora do que passear pela rua e praticar esportes. Sobre as influências que a TV exerce sobre os eles, NJAINE & MINAYO (2003) esclarecem que, além de substituir o convívio familiar, a televisão constitui um problema, pois ao mesmo tempo que é fonte de informação também influencia o jovem a adotar comportamentos consumistas, abusa da erotização da programação e veicula a violência de forma banalizada. As autoras, citam MINAYO, et. al. (1999) que estudaram a violência na mídia e constataram que há fortes indícios de que a exposição intensa da violência promove certa confusão de perspectiva sobre o real e o imaginário. A princípio tudo leva a crer que essa constatação se aplica, também, à erotização da programação, que produz alterações no comportamento e no trato da sexualidade de jovens e crianças.

Os meios de comunicação disponíveis no Município representam agravante à questão do acesso à informação. Inserida na Região Metropolitana de Belo

Horizonte, Ribeirão das Neves recebe o sinal das emissoras da capital. Compartilhando da grade de programação desses veículos, a população recebe um enorme volume de informações que não lhes diz respeito. Segundo levantamento divulgado pelo IBGE, em Neves não há estação de rádio AM, geradora de TV, nem provedor de internet. Até 2005 consta a existência de apenas uma estação de rádio FM. Algumas iniciativas de rádios “comunitárias” são implementadas, mas não possuem, obviamente, o poder de um veículo de grande circulação.

Sem uma produção local, as notícias, eventos e informações de prestação de serviços referentes à comunidade são raramente mencionados na mídia. Um fato só é noticiado quando acontece, por exemplo, uma rebelião de presidiários ou algum outro ato de criminalidade transformando a região em foco das atenções. As informações relevantes e importantes para a população local são, normalmente, divulgadas por meio de faixas expostas em vias públicas e de carros de som que circulam pelos bairros.

O acesso à informação, apesar de estabelecido pela Constituição, é completamente negligenciado. Segundo CABRAL (1995, P.41)

"a informação é um bem social e um direito coletivo como qualquer outro, sendo tão importante como o direito à educação, à saúde, à moradia e tantos outros. No entanto, o acesso à informação, implícito no conceito de democracia, não pode se concretizar no quadro das desigualdades sociais que vivemos em nosso país".

De um modo geral, na estrutura social, o acesso às atividades culturais e esportivas possibilitam o exercício de capacidades humanas ligadas à sociabilidade e subjetividade onde o tempo livre pode ser usado para estreitar laços sociais. Com tudo isso, os jovens de Neves são carentes de espaços de sociabilidade e de equipamentos culturais.

A expansão imobiliária desenfreada ocasionou o surgimento de diversos loteamentos irregulares nos quais não foram previstos espaços destinados à

sociabilidade como praças, clubes e quadras esportivas. Sendo assim esta juventude hoje encontra dificuldades para o lazer e o entretenimento em seus bairros.

Por estarem inseridos nesta realidade cultural e sócio-econômica desfavorável, os jovens de Ribeirão das Neves viabilizaram um quadro propício a investigação de suas práticas informacionais. Diante de tantos desafios enfrentados por estes jovens, para efeitos de pesquisa, o recorte temático poderia ser qualquer um deles como a questão da violência ou das drogas por exemplo, entretanto a temática da gravidez precoce emergiu por se mostrar um desafio de pesquisa interessante e depois de checar junto aos Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação do Brasil não foi localizado, até então, trabalhos sobre esse tema na área.

3.2 Gravidez Precoce

A Organização Mundial de Saúde – OMS, propõe como critério de entendimento de gravidez precoce a questão etária, que seria dos 10 aos 19 anos de idade. Entretanto HEILBORN, et al. (2002, p.20), argumenta que esse critério merece ponderações, principalmente por não levar em consideração as características culturais e sócio-econômicas dos jovens.

Importante ressaltar que, a cada década que passa, a idade média da menarca das adolescentes vem apresentando uma tendência de queda. TANNER (1962) e COLLI (1985), citados por SANTOS JUNIOR (1999)¹², revelam que a faixa vem diminuindo cerca de 4 meses a cada década, encontrando-se, atualmente, na média de 12,5 a 13 anos. Em se tratando de Brasil essa média pode cair, dependendo da

¹² José Domingues dos Santos Junior, é mestre em saúde pública pelo Departamento Materno Infantil da Faculdade de Saúde Pública da USP; médico ginecologista e técnico da Área de Saúde do Adolescente e do Jovem do Ministério da Saúde.

região e do clima. Ao lado da ocorrência mais cedo da menarca, as adolescentes têm tido sua iniciação sexual cada vez mais jovens.

A idade da fecundidade das jovens brasileiras, vem acompanhando a evolução do quadro da idade média da menarca. É fato que a partir da década de 80, a fecundidade adolescente segue o caminho inverso da transição demográfica visto que se verifica uma redução nas taxas de fecundidade das mulheres com mais idade.

Idade da mãe na ocasião do parto	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Menos de 15 anos	29.748	29.880	30.830	29.002	32.228	30.478
15 a 19 anos	856.325	864.999	847.383	779.964	798.604	749.917
20 a 24 anos	1.271.660	1.275.910	1.236.501	1.134.328	1.169.398	1.110.987
25 a 29 anos	948.750	937.725	900.861	828.079	872.375	840.993
30 a 34 anos	584.960	577.680	558.362	512.649	514.181	491.640
35 a 39 anos	283.815	284.799	283.620	260.947	264.091	247.565
40 a 44 anos	92.852	89.438	89.605	80.465	79.209	71.179
45 a 49 anos	15.653	14.419	13.806	12.095	11.590	9.022
50 anos ou mais	2.809	2.983	3.060	2.782	3.093	2.551
Idade ignorada	140.991	129.297	147.131	103.222	108.831	94.844

TABELA 3 - Nascidos vivos registrados no ano – Brasil

FONTE - IBGE - Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA.

A gravidez precoce tem sérias implicações biológicas, familiares, emocionais e econômicas, além das jurídico-sociais, porém, diante principalmente da incidência de casos no Brasil, atualmente postula-se que o risco seja mais social do que biológico. Neste trabalho a gravidez precoce será tratada sobre o prisma do risco social. VITALE & AMANCIO (2001) afirmam que a grande incidência de gestação na adolescência está “*nas classes econômicas mais desfavorecidas onde há maior abandono e promiscuidade, maior desinformação, menor acesso à contracepção*”.

É possível constatar essa afirmativa ao observar os resultados da pesquisa do UNICEF com adolescentes brasileiros. Na Tabela 4 é possível observar que os adolescentes da classe D são os que em maior número mantêm/mantiveram relações sexuais.

Gravidez	Classe A	Classe B	Classe C	Classe D	Sem resposta	Total
Sim	13,1	16,3	15,6	20,1	25,8	16,6
Não	78,7	79,2	79,5	75,4	71,0	78,6
Sem resposta	8,2	4,5	4,8	4,5	3,2	4,8
Total (N)	100 (183)	100 (119)	100 (116)	100 (834)	100 (478)	100 (1.730)

TABELA 4 - Adolescentes que mantêm/mantiveram relações sexuais, por classe social (nacional), 2001/2002 (%)

FONTE - Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, UNICEF/Fator OM/2002.

A gestação precoce modifica o rumo e as possibilidades do crescimento físico e social dos jovens envolvidos e de suas famílias. Se constitui num dos fatores que mais favorece ao abandono escolar, principalmente das jovens grávidas o que, conseqüentemente, favorece a ocorrência do ciclo: “*gravidez precoce – baixa escolaridade – subemprego – lar desfeito – pobreza – nova gravidez*” (GONÇALVES & GODOI, 2002, p73).

Em maio de 2005 o IBGE¹³ divulgou *o perfil socio-econômico de mães que tiveram o primeiro filho em idades precoce e muito jovens (10 a 19 anos de idade)*. Uma situação preocupante ocorre entre as mães precoces com idade entre 10 e 14 anos. Em 2000, no estado de Alagoas, 18,5% das mães de 10 a 14 anos já possuíam uma prole de pelo menos dois filhos nascidos vivos. Em outros estados do nordeste e do norte tais, como em Sergipe (12,1%), Bahia (14,2%), Pernambuco (15,8%), Amapá (16,6%), Rondônia (14,0%) e Acre (6,2%) o quadro da maternidade precoce, com uma descendência de 2 ou mais filhos, se repete. A reincidência é realmente um fato preocupante no Brasil e amplifica o status de problema social premido pela gravidez precoce.

¹³ Consulta realizada no site no IBGE em 10 de maio 2005.
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfil_maes>

Em tempo de epidemia de AIDS, de modo geral, a discussão sobre sexualidade ganha relevância na sociedade e em espaços que não eram antes contemplados. Do ponto de vista foucaultiano, o discurso sobre o sexo é uma forma de controle disciplinar sobre o sujeito. Segundo FOUCAULT (2002, p.229), no ocidente é comum o dizer “ *‘Para saber quem és, conheças teu sexo’*. *O sexo sempre foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir de nossa espécie, nossa ‘verdade’ de sujeito humano*”.

O sujeito moderno, ou melhor, o jovem imbuído dos valores da modernidade, tem na sua inicialização sexual, algo parecido como um exercício à individualização, onde se destaca sua “*dimensão interior, consagrada como um domínio autonomizado e auto-expressivo*”. (RIETH, 2002, p.79). Um bom exemplo desse tipo de comportamento está na relação entre o “ficar”, tão comum entre os jovens e o uso da camisinha. Do ponto de vista de gênero o “ficar” tem conotações diferentes. Para os rapazes, o ficar está quase sempre relacionado a uma relação sexual. Segundo eles, a “*intenção de manter relações sexuais com a parceira está sempre presente, pois é próprio ‘do instinto masculino’, todo homem quer deixar de ser virgem*” (RIETH, 2002, p.79). Para as moças, os namorados são tidos como parceiros ideais, ponderando o sexo no contexto de uma relação amorosa. “*Declaram que o ficar não envolve relações sexuais. (...) elas aguardam as iniciativas masculinas esperando serem pedidas em namoro*” (RIETH, 2002, p.79).

Na trajetória da primeira relação, normalmente, a iniciativa é masculina, mas o consentimento é feminino. O uso da camisinha e/ou da pílula depende do contexto do relacionamento, se é uma “ficada” ou namoro. Em sua pesquisa sobre iniciação sexual na juventude, realizada com jovens na faixa de 15 a 19 anos, RIETH (2002), constatou que o uso da camisinha é considerado freqüente quando se trata de uma parceira eventual, isto é, numa “ficada”. No namoro, o uso ou não uso, se justifica pelo casal alegar maior intimidade. Em ambos os casos a camisinha está associada ao modo de prevenção da AIDS e outras DSTs e não como método contraceptivo. Na pesquisa anteriormente citada, poucos jovens se referem, especificamente, aos

métodos contraceptivos, estando mais conscientes ou preocupados com a AIDS e as DSTs.

Na pesquisa realizada pelo UNICEF (2002a), a diferença percentual entre moças e rapazes que fazem uso de preservativos em todas as suas relações sexuais foi significativa: 64,9% dos rapazes afirmaram fazer o uso da camisinha em todas as suas relações sexuais contra 35,1% da moças.

Diferenças percentuais também puderam ser notadas com outras perguntas conforme apresentado na tabela 5. Entre os que declararam ter relações prevenidas “às vezes”, 53,3% são rapazes e 46,7% são moças; os que disseram nunca ter usado preservativo em suas relações sexuais, 64,5% são do sexo masculino e 35,5% do feminino.

Sexo	Uso da camisinha entre adolescentes que já tiveram relação sexual				Total
	Usa/usou todas as vezes	Nunca usou	Usa às vezes	Sem resposta	
Masculino	64,9	64,5	53,3	57,1	61,0
Feminino	35,1	35,5	46,7	42,9	39,0
Total	100 (892)	100 (251)	100 (559)	100 (28)	100 (1.730)

TABELA 5 - Adolescentes, por sexo, segundo o uso de camisinha (nacional), 2001/2002 (%)

FONTE - Pesquisa “A Voz dos Adolescentes”, UNICEF/Fator OM/2002. O número total não chega a 5.280, pois foram considerados apenas os adolescentes que responderam “sim” quando perguntados se já tiveram relação sexual.

Do ponto de vista das causas, a gravidez na adolescência está relacionada a aspectos multifacetados, mas que podem ser agrupados como causas de ordem, familiar, social, biológica, religiosa, psicológica entre outros.

Dentre essas causas, GONÇALVES & GODOI (2002,p.73) esclarecem que há pesquisas mostrando que adolescentes engravidam entre o primeiro e o sexto mês em que começam a ter relações sexuais. As autoras afirmam que

“...tal fato é consequência, muitas vezes, de atividade sexual não assistida, de falta de informações, uso incorreto de contraceptivos, etc., associados às características próprias da adolescência como, por exemplo, o pensamento mágico, em que eles acreditam

que certas coisas não vão acontecer com eles, apesar das situações de risco em que se envolvem.”

Inerente ao desenvolvimento psicológico do adolescente, o pensamento mágico corresponde à idéia preconcebida de que nada de ruim poderá acontecer consigo, independente das ações praticadas. É viver no limite dos riscos, sem medo de seus atos e atitudes, como dirigir em alta velocidade e sem habilitação, experimentar drogas diversas, beber sem limites, ter relações sexuais sem camisinha achando que não poderá contrair alguma doença sexualmente transmissível (DST) ou ocorrer uma gravidez quase sempre inesperada tanto quanto indesejada.

Sob o aspecto social a questão da informação merece atenção especial. A informação ou a desinformação é um dos muitos fatores que corroboram com a gravidez na adolescência, sendo assim, precisa ser investigada.

A esse respeito, a pesquisa da UNICEF (2002a) apresenta dados quantitativos significativos, em que foram entrevistados 5.280 jovens de 12 a 17 anos de idade em todas as regiões brasileiras.

Sobre a questão da informação, a pesquisa apresenta o comportamento dos jovens na busca de informação sobre orientação sexual. Sob esse aspecto os adolescentes mencionaram, nesta ordem, onde encontram informações mais esclarecedoras: com a família, na escola, com os amigos e/ou na mídia e nos postos de saúde.

Interessante observar a posição dos postos de saúde e da mídia no processo da disseminação de informação sobre métodos contraceptivos, planejamento familiar, causas e conseqüências da gravidez precoce.

Os postos de saúde não são fonte de informação para 57% dos entrevistados. Entre os que responderam que procuram orientação nesse local, 11% classificaram a informação como confusa e 29% disseram que são esclarecedoras. Outros 3% não responderam à pergunta.

Enquanto 46% dos entrevistados dizem que obtêm informações qualificadas e esclarecedoras nos meios de comunicação, 26% consideram as informações

confusas e outros 24% disseram que não recebem dos meios de comunicação qualquer tipo de esclarecimento.

Na divisão por classe social, 33% dos entrevistados da classe A consideraram confusas as informações sobre sexualidade veiculadas pelos meios de comunicação. A porcentagem decresce nas classes seguintes: 27% na classe B, 26% na classe C e 16% na classe D.

Quando observamos as respostas dos adolescentes que dizem não receber qualquer esclarecimento da mídia em relação à sexualidade, podemos perceber que a porcentagem aumenta nas classes menos favorecidas. Enquanto 39% na classe D e 25% na classe C têm essa avaliação em relação à mídia, o mesmo ocorre com 23% na classe B e 21% na classe A.¹⁴

Os jovens, na sua característica gregária, também consideram os amigos como agentes de informação. Entre os adolescentes entrevistados, 23% disseram que não recebem qualquer tipo de orientação sexual dos amigos; 46% qualificaram as informações que recebem dos amigos como esclarecedoras e 28% como confusas.

Perguntou-se os tipos de programas de orientação sexual de que os adolescentes gostariam de participar. Entre os que sugeriram algum programa, 19% gostariam de ver mais campanhas e informações na mídia, 12% pedem providências na escola, 7% sentem falta de orientações mais claras e detalhadas sem especificar a fonte de informações e 6% cobram providências e informações mais acessíveis nos postos de saúde, enquanto 25% não sabem definir o programa que gostariam e 20% não responderam (UNICEF, 2002a).

Com os resultados apresentados na pesquisa do UNICEF (2002 a) percebe-se facilmente que a busca da informação dos jovens sobre orientação sexual, gravidez e sexualidade está comprometida.

Exatamente nas prováveis fontes mencionadas pelos jovens (família, escola, amigos, mídia e postos de saúde) são onde eles encontram os maiores problemas de

confiabilidade e de acesso à informação. Assim, o que poderia ser as melhores fontes de informação sobre o tema, não o são.

Com relação aos postos de saúde, SANTOS JUNIOR(1999) afirma que o ideal seria que os adolescentes tivessem acesso a serviços de saúde especializados. O autor continua argumentando que isso é uma realidade distante e que os fatores, "*falta de disponibilidade dos métodos*" e "*deficiência dos serviços de saúde*", diretamente relacionados entre si, criam uma série de obstáculos aos adolescentes. O autor completa afirmando que faz-se necessário preparar profissionais para assistir essa clientela, dentro das unidades de saúde, pois o que ocorre, na maioria das vezes, é um tratamento discriminatório e preconceituoso que inibe principalmente a adolescente.

“Os profissionais, então, devem ser capacitados para estabelecer um clima de confiança com a adolescente, destituído de julgamento de valor, propiciando, assim, o acolhimento necessário para que ocorra uma boa explanação. No que diz respeito aos métodos contraceptivos, esta atitude é indispensável para que a adolescente possa superar suas dificuldades e fazer uma escolha correta e uma utilização adequada do método eleito.”

O perfil sócio-econômico das mães que tiveram o primeiro filho em idades precoces, divulgado pelo IBGE, retrata que em relação as meninas de 10 a 14 anos de idade, a maternidade precoce se apresenta de forma mais concentrada entre as que tinham baixa escolaridade, com destaque para aquelas que estavam cursando ou haviam concluído o ensino fundamental, independentemente do nível da renda familiar. Já as adolescentes e jovens com idades entre 15 e 19 anos, em famílias com até 3 salários mínimos de rendimento total, experimentaram também a maternidade com uma escolaridade equivalente ao ensino fundamental.

¹⁴ Na pesquisa do UNICEF a estratificação social foi calculada sob a média ponderada das variáveis que mostraram a que bens de consumo serviço os adolescentes tinham acesso, como por exemplo: rádio,

Os dados relativos à gravidez precoce no município de Ribeirão das Neves são escassos. Os dados atualizados, encontrados no Sistema de Informações de Pré-Natal (SIS Pré-Natal) do Sistema Único de Saúde (SUS), não são confiáveis pelo simples fato de que grande parte das mulheres grávidas fazem o pré-natal e o parto nos hospitais de Belo Horizonte.

Os dados sobre gravidez precoce no município foram extraídos do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2003), que abrange apenas os dados comparativos da população de 15 a 17 anos. Percebe-se que há um crescimento no percentual das adolescentes com filhos. Os dados, representados no Gráfico 2, mostram que no ano de 1991, 6,11% das jovens tinham filhos. No ano de 2000 este percentual sobe para 6,34%.

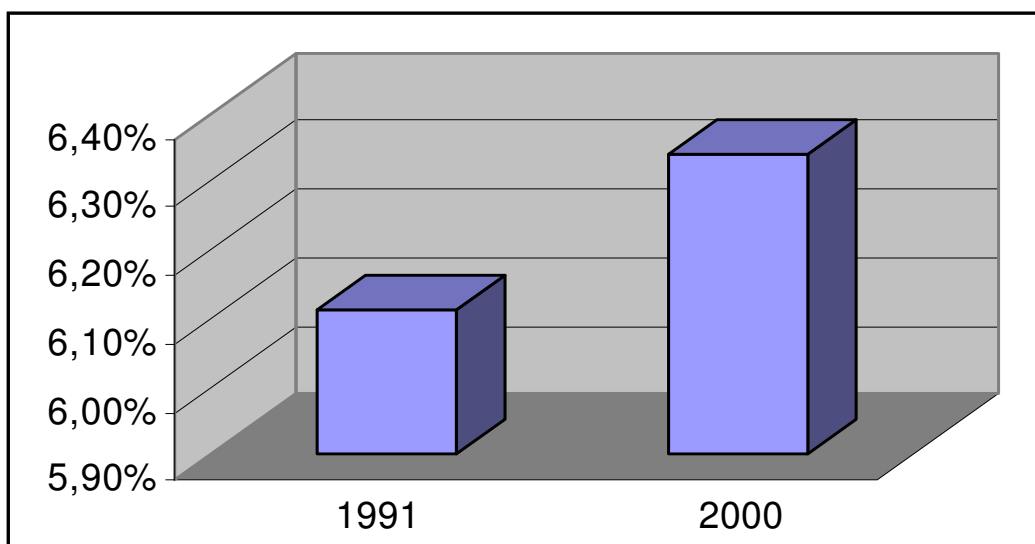


GRÁFICO 2 - Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, Ribeirão das Neves (MG)

FONTE - PNUD, Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2003.

Do ponto de vista da saúde, segundo a Dra. Maria Elizabeth Alves, coordenadora da Clínica da Mulher do município de Ribeirão das Neves, não há no município políticas ou programas de saúde voltados para os jovens. No quadro de

profissionais do único hospital da cidade há um hebeatra¹⁵, mas por falta de planejamento no atendimento aos jovens, este profissional realiza suas consultas na pediatria. Assim, apesar de ter um especialista para seu atendimento, o adolescente é normalmente encaminhado para consultas com um clínico geral.

Com programas voltados ao planejamento familiar e atendimento às gestantes, a Clínica da Mulher é uma tentativa da Secretaria Municipal de Saúde de dar um tratamento diferenciado às mulheres do Município. No entanto, o número de consultas é mínimo para uma população feminina tão grande e assim não são efetuados atendimentos ou trabalhos diferenciados com as jovens grávidas.

A deficiência do sistema de saúde, seja público ou particular, exerce influência preponderante sobre a questão da gravidez precoce. O Brasil como um todo padece desse mal. Aliado a isto, observa-se que outros fatores como a liberalização da sexualidade, a desinformação sobre o tema, a desagregação familiar, a urbanização acelerada, as precariedades das condições de vida e a influência dos meios de comunicação são determinantes para o aumento do número de adolescentes grávidas.

¹⁵ Médico especialista em adolescentes.

4 ESTUDANDO AS PRÁTICAS INFORMACIONAIS



Desenho:

Vagner Luiz Caldeira da Silva (27 anos, morador de Ribeirão das Neves, 2005).

O modo de constituição da informação como problema na sociedade é um dos pressupostos básicos da antropologia da informação evidenciando de modo concreto o fenômeno informacional “*como processo de elaboração de sentidos sobre as coisas e os sujeitos no mundo*” (MARTELETO, 2002, p.101).

O ponto central desta investigação está em analisar a relação das práticas informacionais dos jovens e as influências destas práticas no entendimento (ou não entendimento) do problema da gravidez precoce.

Para auxiliar a pesquisa, especificamente na análise dos dados, foi desenvolvido um “*Guia para estudo do processo de assimilação de informação*”. Apoiado no quadro teórico, o referido Guia tem por princípio básico a tentativa de exemplificar a dinâmica informacional como uma produção social. Este recurso será empregado no momento da análise dos dados, para que a interpretação não dê margem à dispersão. O motivo se justifica por terem sido empregados vários instrumentos na coleta dos dados o que pode ocasionar desvios do foco da pesquisa. Sendo assim, o ‘Guia’ proposto permitirá um maior rigor no levantamento das categorias e na interpretação dos dados.

4.1 Guia para Estudo do Processo de Assimilação de Informação

A proposta do Guia é a de um recurso metodológico e instrumento heurístico destinado à representação e compreensão da realidade no contexto do fenômeno da informação como produção social. Apesar de ser uma proposta inicial, aplicada neste trabalho, o referido Guia é um modelo incipiente criado para auxiliar esta pesquisa especificamente, o qual retrata a representação de como os sujeitos se posicionam diante da informação.

Ainda que não seja possível fazer um registro gráfico de todo o fluxo que caracteriza esse processo, conforme explica SAYÃO (2001), os modelos possuem tipos, naturezas, modelagem, funções e características diversas.

A princípio, a criação de um modelo pode ser simples e se tornar um primeiro passo para algo mais elaborado. Na medida em que transcorra o tempo, o mesmo poderá ser estudado e aperfeiçoado. Um bom exemplo é o modelo matemático da teoria da comunicação/informação de Shannon & Weaver, que mesmo recebendo muitas críticas, até hoje é amplamente citado e de onde partem grandes debates e descobertas nas áreas da Ciência da Informação, da Comunicação e da Informática. BURT & KINNUCAN¹⁶ citados por SAYÃO (2001) afirmam que os “cientistas da informação (...) podem encontrar, nas técnicas de modelagem, um mecanismo útil para capturar e comunicar seus conhecimentos sobre fontes de informação e sobre padrões de comportamento de quem busca informação”.

Pensado a partir dos conceitos de práticas de informação¹⁷ e em estudos sobre transferência de informação¹⁸, o Guia ora proposto foi utilizado como instrumento auxiliar na análise dos dados colhidos em campo. E foi muito útil para ilustrar os processos de assimilação da informação que partiu da análise de dois pressupostos de procedimentos básicos que são: a Assimilação Voluntária da Informação (AVI) e a Assimilação Involuntária da Informação (AII).

A Figura 2 representa o esquema ilustrativo do Guia, que mostra a dinâmica das práticas informacionais e os processos de assimilação da informação levando em conta a esfera do cotidiano e o contexto sócio-econômico e cultural dos sujeitos envolvidos (os jovens).

As bases deste Guia giram em torno do sujeito e de suas práticas de informação, mais especificamente do sujeito que apreende informações em sua realidade cotidiana.

O termo assimilação é aqui compreendido como um processo de interação entre o indivíduo e uma determinada estrutura de informação que é captada, apreendida no campo das idéias e produtora de sentido. Sob esses aspectos a informação gera, no sujeito, uma modificação do seu estado cognitivo produzindo

¹⁶ BURT, Patricia; KINNUCAN, Mark. Information models and modelling techniques for information systems. **Annual Review of Information Science and Technology**, p.175-208, 1990.

¹⁷ MARTELETO, 1992, 2002, GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, SILVA, 2001 e ARAÚJO, 1997, 1998.

conhecimento. Reforçando este argumento, BARRETO (1994) afirma que a informação “*quando adequadamente assimilada produz conhecimento, modifica o estoque mental de informações do indivíduo e traz benefícios ao seu desenvolvimento e ao desenvolvimento da sociedade em que ele vive.*”

4.1.1 Assimilação Voluntária da Informação – AVI

No procedimento de assimilação da informação sendo ela feita de forma **voluntária** (Assimilação Voluntária da Informação - AVI), o sujeito é motivado por uma necessidade efetiva, assumindo uma postura ativa diante de sua necessidade, fazendo a opção pela busca e recuperação da informação – sendo que esta busca poderá se dar, por meio de um contato pessoal, na mídia impressa ou eletrônica ou em um sistema formal de informação (biblioteca, mídia, banco de dados, Internet, etc.).

Um sujeito se empenha numa atividade de busca de informação na intenção de identificá-la para satisfazer uma necessidade percebida, querendo reduzir incertezas, informar-se, solucionar problemas, instruir-se, construir uma realidade. FERREIRA (1998), citando DERVIN, JACOBSON, NILAN (1982)¹⁹, afirma que “*a busca e o uso da informação, portanto, são vistos como forma do processo construtivo de compreensão individual e pessoal.*” Sendo assim, a percepção da necessidade efetiva de informação tem aproximação direta com as conveniências individuais ou mesmo coletivas e que a assimilação da informação se justifica se ela for necessária no momento em que é recebida. Ao considerar a percepção de necessidades de informação e as conveniências individuais verifica-se que existem possibilidades de haver modificações significativas na estrutura cognitiva e simbólica dos sujeitos envolvidos no processo da prática informacional.

¹⁸FIGUEIREDO, 1979, BARRETO,1999, 2002, FERREIRA, 1997.

¹⁹ DERVIN, B.; NILAN, M; JACOBSON, T.L. Improving predictions of informatin use: a comparision o predictor types in a health communication setting. In: BURGOON, M. (ed.) **Communication Yearbook**. New brunswik: Transaction Books, v.5, p.807-830. 1981.

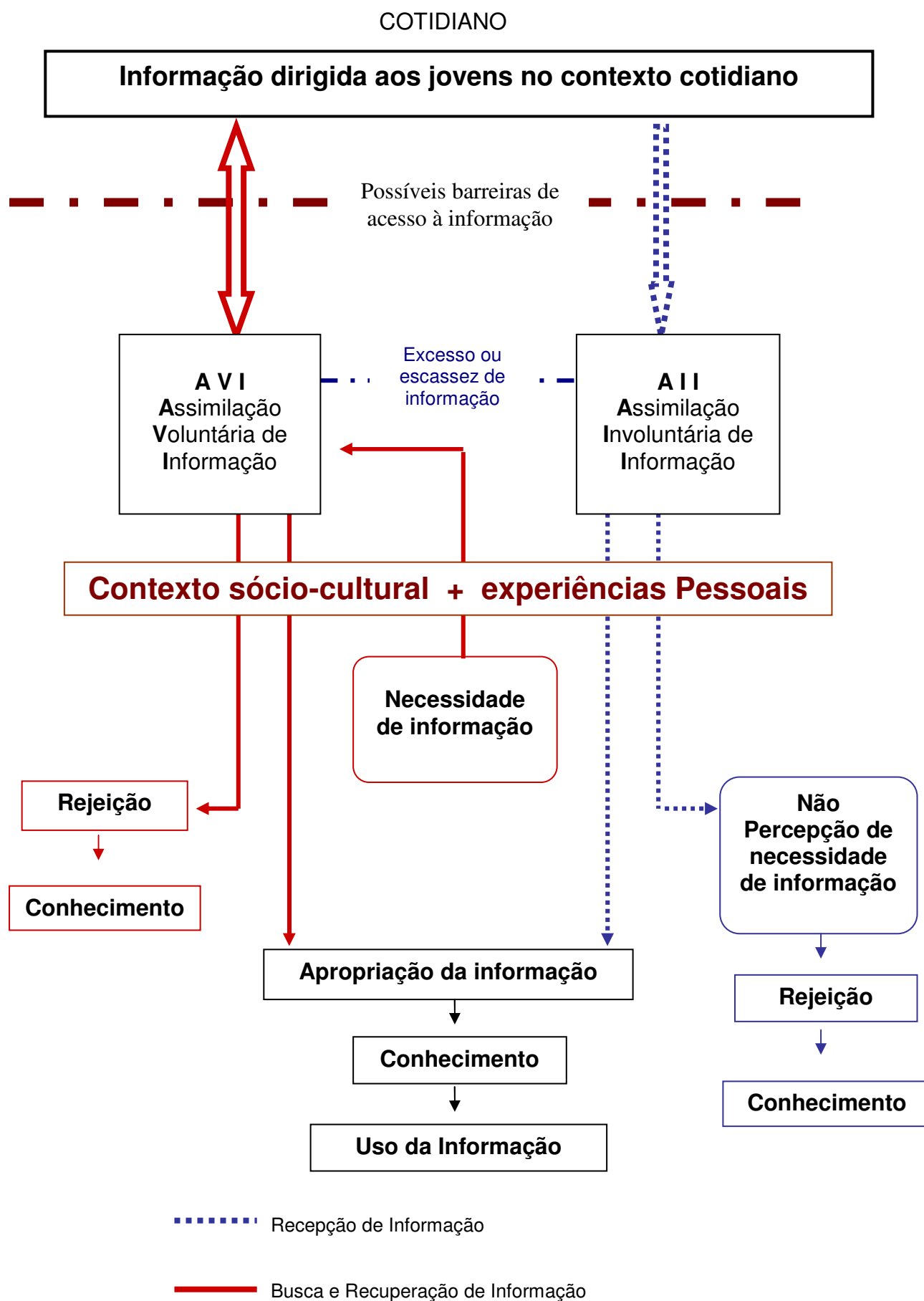


FIGURA 2 - Práticas informacionais e os processos de assimilação da informação.

Quando se parte de uma necessidade efetiva de informação o sujeito motivado faz a opção pela busca de maneira espontânea e atribui empenho no procedimento da recuperação da referida informação. Esta busca poderá se dar numa determinada estrutura de informação como numa biblioteca, num posto de saúde, na mídia e/ou numa interação comunicativa de nível pessoal face a face.

4.1.2 Assimilação Involuntária da Informação – AII

No procedimento de assimilação da informação sendo ela feita de forma **involuntária** (Assimilação Involuntária da Informação - AII), o sujeito tem uma postura passiva diante da estrutura de informação é um receptor, sem necessidade efetiva de informação portanto, não estabelece nenhum tipo de relação interativa com algum canal ou fonte de informação.

Neste caso o sujeito é simplesmente um receptor sem elaborar uma necessidade efetiva de informação. A assimilação involuntária da informação pode ser produzida em cada ato verbal ou de recepção de informação, embora a eles não se restrinjam. As relações sociais, que são o locus da assimilação da informação e ocorrem em determinadas condições históricas, culturais e políticas e são mediadas por estruturas informacionais, umas e outras exercendo coerções sobre o processo de significação.

Na perspectiva da recepção há uma tendência de se questionar o aspecto interativo da recepção, tentando localizar os sujeitos envolvidos em processos comunicativos como unidades essenciais. Como exposto por MAIA (2000, p.39) que afirma nos estudos sobre os *media*, onde se atribui que “a grande implicação é que a atribuição de sentido reside nas práticas de recepção”, isto é, a mídia e não existiria sem a interação. Ela depende da audiência para se manter e a audiência pressupõe a interação, mesmo os veículos que requerem apenas a interação anônima.

Necessário destacar que uma informação é adequadamente assimilada quando se parte do pressuposto de que não é suficiente tê-la na memória como um dado estanque, é necessário que o sujeito saiba usá-la e seja capaz de integrá-la a outras informações para construir uma representação elaborada deste novo conteúdo assimilado. Neste contexto, informação e conhecimento podem ser confundidos, entretanto há uma distinção entre ambos. MARTELETO (1987, p.172) diz que “a informação é exterior ao sujeito, enquanto o conhecimento está no próprio sujeito.” A informação contribui para a elaboração do conhecimento, mas sob a condição de que exista assimilação e isto é uma atividade própria de cada sujeito.

4.1.3 Informação no contexto cotidiano

A informação está em constante movimento nas interações sociais e como a interação é peculiar ao discurso e a mídia, a informação movimenta-se em diversas esferas. A partir da compreensão das assimilações voluntária e involuntária, levou-se em consideração itens importantes do contexto destes processos como:

- a) as possíveis barreiras de acesso de informação;
- b) a percepção da necessidade de informação;
- c) a apropriação e o uso da informação;
- d) a rejeição da informação;
- e) a produção de conhecimento.

Importante ressaltar que nos dois procedimentos, por premissa, existiria alguma forma de assimilação de informação. Todos esses itens são circunscritos pelo contexto sócio-econômico, cultural, histórico e político dos sujeitos em questão e suas vivências pessoais cotidianas.

EGGERT (1992) categorizou em sua pesquisa sobre a “informação no cotidiano do sujeito – mulher feminino”, uma cadeia de fontes de informação como sendo de três naturezas: a audiovisual, a oral e a impressa. Adaptando a cadeia

informacional descrita pela autora, aqui serão utilizadas três fontes para analisar a Informação no contexto cotidiano dirigida aos jovens.

- a) de natureza impressa;
- b) de natureza audiovisual;
- c) de natureza face a face.

Neste item ainda é importante ressaltar a questão das fontes de informação como sendo as diversas formas de registro e expressão do conhecimento. De forma bem genérica pode-se dizer que na atualidade, há uma complexidade no que diz respeito às fontes de informação e tal complexidade traz como consequência uma série de sujeitos excluídos. As tecnologias da informação e comunicação ao mesmo tempo que agregam pessoas e corporações deixam muitos excluídos do processo de compartilhamento dos diversos objetos culturais, já que tais recursos exigem habilidades especiais para sua decifração e uso.

“Ao final do século 20, além desta característica de complexidade, essas formas alcançaram um enorme volume, notável não apenas em termos de quantidade como também no aspecto da variedade de suportes, o que dificultou, assim, duplamente, a atividade de busca do conhecimento” (CAMPELLO, 1998, p.5).

Sendo assim, a atenção estará voltada às fontes de informações mais populares como a comunicação face a face, rádio, TV e mídia impressa. A Internet seria uma importante fonte, entretanto não faz parte da vida cotidiana dos jovens investigados, onde tal fonte se quer chegou a ser citada por eles na pesquisa, por isso não será mencionada.

Os processos de assimilação da informação, são articulados como um conjunto de partes coordenadas entre si. Acompanhando o raciocínio proposto no modelo ilustrado anteriormente, podem ser citados como partes do processo itens como: as barreiras de acesso à informação, o excesso e a escassez de Informação, a necessidade de Informação, a apropriação da informação, a não percepção de necessidade de informação, a rejeição de informação e o conhecimento

4.1.4 Algumas partes coordenadas do processos de assimilação da informação

Estas partes coordenadas do processo têm recebido atenções especiais e extensas por parte dos cientistas da informação em diversas esferas e por isso tais temas não serão abordados, aqui, com a devida profundidade. Para efeito de contextualização cada parte merece uma menção teórica, ainda que sucinta, visto que a função deste guia é nortear a análise dos dados do processo das práticas informacionais com base no modelo proposto.

4.1.4.1 Barreiras de acesso à informação

Mesmo enfrentando vários questionamentos e críticas, o tradicional modelo emissor-receptor é o melhor caminho para se iniciar uma reflexão em torno das barreiras de acesso à informação.

Considerando a informação como processo, sua transmissão, disseminação e comunicação se dá na dimensão das práticas sociais. No terreno da cultura de determinado grupo, o compartilhamento da informação exercida entre emissor e receptor se processa no âmbito dos mesmos traços culturais e, mesmo assim, são detectadas barreiras de acesso à informação. Segundo FIGUEIREDO (1979, p. 127), mesmo nas práticas de informações de pessoa para pessoa podem existir barreiras, como dificuldades da língua, relutâncias pessoais para divulgar dados, incapacidades pessoais de expressão, entre outras.

Na verdade, há um vasto elenco de tipos e possibilidades de barreiras à informação, dependendo muito de como a interação entre sujeito e informação é realizada. No contexto deste trabalho, as barreiras de acesso à informação devem ser entendidas como um complicador ao acesso, podendo se dar pela não disponibilização da informação, pela falta de recursos tecnológicos, pela obsolescência da informação, pelo excesso, pela falta de serviços de informação, pelos ruídos no processo de transmissão, pela escassez de informação, entre outros.

O importante é o entendimento dos efeitos que as barreiras podem causar ao sujeito usuário/receptor de tais informações, como por exemplo, a não recepção da informação de forma plena, podendo causar distorção no ato da assimilação e na produção de sentido, causada por informações incompletas, informações distorcidas, desvio de informações ou por desnivelamento de competência cognitiva do sujeito, entre outras causas.

4.1.4.2 Excesso de informação

BARRETO (1994) adaptou de ARENDT²⁰ um modelo sobre a região do espírito que aceita a informação como conhecimento e constatou que grandes estoques crescentes de informação, que se acumulam em um tempo sem limites, degeneram a vivência cotidiana em que o conhecimento se realiza no indivíduo. “*A sintonia do sujeito consciente se dispersa em um mundo de informações irrelevantes, imprecisas e ultrapassadas e em uma distribuição inadequada*”.

Dessa forma, o excesso de informação pode se tornar um fator de interferência nos processos de assimilação de informações, visto que o seu volume não está diretamente ligado à sua qualidade. FIGUEIREDO (1979, p. 131), reforça esta afirmativa ao mencionar que quando os sujeitos se deparam com uma estrutura de informação, de imediato têm que tomar decisão sobre se a informação deve ser aceita ou não, por inúmeras razões obviamente. Segundo a autora uma destas razões pode se dar na seguinte situação: se os sujeitos já possuem bastante informação, e, neste caso não acham conveniente aceitar mais informação adicional. “*Informação demasiada pode resultar em rejeição, não somente de informação marginal, ou por pouco tempo, mas de toda a informação.*”

Estas colocações representam o excesso de informação como algo a ser descartado a medida em que ultrapassam à imediata necessidade de informação do

sujeito. No entanto MARTELETO (1992, 1995) apresenta uma outra forma de pensar o excesso de informação.

No dia-a-dia, a oferta de informação é sempre mais extensa do que se pode recuperar, e assim, se for considerado os espaços de convivência dos jovens, verifica-se que uma série de informações são adquiridas e intercambiadas por eles não apenas no espaço escolar, mas também, pela mídia, pelo convívio e interação em outros espaços. Essas informações formam o que a autora denomina de “excedente informacional”. O que na verdade faz um contraponto com as afirmações anteriores visto que o excesso de informação pode se transformar, num momento posterior, em algo bastante significativo pois este *quantum* de informações podem vir a ser absorvidas, administradas e empregadas nos diversos contextos de vida dos sujeitos e não descartadas por inteiro.

4.1.4.3 Escassez de informação

O aumento do volume e do fluxo de informações disponíveis atualmente, não garante o direito à informação. Fazendo um contraponto com a acessibilidade e a escassez de determinadas informações, conjugada à inabilidade dos setores responsáveis pela sua transmissão/disseminação, provocam um fenômeno, no mínimo, estranho em tempos da chamada sociedade da informação.

No caso do tema aqui proposto, é perceptível a falta de informações direcionadas aos jovens sobre o tema gravidez precoce. Sob esse aspecto, a escassez de informação se torna um problema, visto que tem ligações diretas com a democracia e a cidadania, onde o direito à informação é estabelecido pela Constituição de 1988.

A Carta Magna oferece dispositivos fundamentais à instalação de um novo patamar jurídico para o acesso à informação, sobretudo a governamental. Os

²⁰ ARENDT, H. **A vida do espírito**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1991.

direitos do cidadão têm como contrapartida os deveres da administração pública no sentido de viabilizar o acesso à informação.

Lançado em 2000, o "*Livro Verde da Sociedade da Informação no Brasil*" tem o intuito de ser ponto de partida para amplas discussões e debates junto aos vários setores da sociedade. Apesar da intenção de viabilizar e facilitar o acesso à informação, o "Livro Verde" ainda não apresenta no país resultados práticos e significativos que minimizem o problema do acesso e escassez de informação.

Sendo assim, em se tratando do tema gravidez precoce não só o acesso à informação é ponto preocupante. Fica evidenciado que a questão da escassez de informações sobre o tema é, também, fato relevante e merece atenção.

4.1.4.4 Necessidade de informação

A necessidade de informação é um conceito intersubjetivo com significados, valores e objetivos passíveis de serem compartilhados, conforme justificado por FERREIRA (1998). A necessidade de informação pode ser um conceito que permite a identificação e generalização de padrões de comportamento de busca e uso de informação, através do tempo e espaço determinados pelo próprio sujeito.

O que importa, nesse momento do processo, é ter em mente que o ser humano é guiado pelo seu estilo cognitivo, por sua inserção num determinado contexto sócio-cultural, econômico e histórico, que afetam suas escolhas, opções e tomadas de decisões. Diante desse quadro fica evidente o quanto a busca e o uso da informação são caracterizados por um procedimento individual e essencialmente interior.

4.1.4.5 Apropriação da informação

A informação apresenta possibilidade de produção de sentidos, quando baseada nas conveniências individuais do sujeito. Ao se apropriar da informação ele (o sujeito) se torna detentor de conhecimento. Lembrando que a informação “*antecede as próprias práticas sociais, como sentido já dado e instituído, ela é adquirida por uma relação constitutiva, e portanto por uma ação que transforma*” (MARTELETO, 1992, p.343). Assim como a informação, as práticas de sua produção, transmissão e aquisição são sociais e simbólicas, ou seja, se constituem mutuamente.

De modo geral, em seu ponto receptivo, quando a informação é assimilada, “*faz e desfaz verdades estabelecidas e é reconstruída, reinterpretada, formando novos ângulos do real, pelas práticas instituídas e simbólicas.*” (MARTELETO, 1992, p.346). Quando um sujeito percebe ter uma necessidade de informação, ele se torna capaz de se apropriar desta informação, seja por uma busca voluntária ou mesmo por um ato de recepção involuntária.

4.1.4.6 Não percepção de necessidade de informação

DERVIN & NILAN²¹, citados por FERREIRA (1998), demonstram, através da teoria do “Sense-Making”²², que os sujeitos percebem o mundo diferentemente uns dos outros e conforme o indivíduo se move na vida ele aguça um senso interno o qual o impulsiona a buscar e usar informações. Este é um processo temporal e espacial, sendo que, assim que uma necessidade de informação é satisfeita, a pessoa deve criar novo senso.

²¹ DERVIN, B. NILAN, M. Information needs and uses. **Annual Review of information Scient and Technology**, v.21, 1986, p.3-33.

²² O Sense-Making é uma abordagem que consiste em pontuações de premissas teóricas, conceituais e metodológicas para avaliar como as pessoas percebem, compreendem, sentem suas interações com instituições, mídias, mensagens e situações e como usam a informação e outros recursos neste processo.

Quando se depara com uma prática informacional, o sujeito pode não sentir aguçado seu senso interno, dessa maneira, não há abstração em torno desta estrutura informacional, em que a informação parece se tornar invisível aos olhos do sujeito e assim se torna imperceptível.

4.1.4.7 Rejeição de informação

Muitos são os fatores determinantes para que um sujeito rejeite determinada informação. O excesso pode ser um desses fatores, onde informação demasiada excede às necessidades do sujeito e assim, ele as rejeita. A necessidade e a conveniência individual são as engrenagens dessa etapa do processo, sendo factual que a percepção de uma informação pode não ser relevante ou necessária em um determinado contexto. Mesmo quando se posiciona como um receptor involuntário, onde cotidianamente recebe uma alta carga informacional, o sujeito pode perfeitamente rejeitá-las, pois não lhe produz nenhum sentido, e ainda, por não considerá-las como elemento redutor de incertezas, ou como recurso para a tomada de decisão e, assim, não modifica de forma significativa sua estrutura cognitiva.

A dinâmica de aguçar o senso interno é um processo temporal e espacial. Mesmo existindo uma necessidade informacional não satisfeita pelo sujeito, ele pode não ser capaz de perceber sua aplicabilidade enquanto redutora de incerteza e assim rejeitar ou desconsiderar determinadas informações.

4.1.4.8 Conhecimento

Os conceitos de comunicação e de conhecimento, assim como o de informação, assumem variados sentidos conforme o contexto estudado e são utilizados atualmente à exaustão e, por vezes, de forma inapropriada.

Os processos de informação e de conhecimento estão constantemente se sobrepondo. Considerando a informação como estruturas que oferecem probabilidade de sentido, ou seja, que têm a capacidade de gerar conhecimento e tratando o ato de conhecer como uma assimilação da informação pelas estruturas mentais do sujeito, evidencia-se o papel ativo do agente/gerador/usuário da informação nestes processos. O conhecimento será adotado aqui, como sendo “*uma alteração provocada no estado cognitivo do indivíduo (...) organizado em estruturas mentais por meio das quais o sujeito assimila o meio*” BARRETO (2002, p.49).

Finalmente, cabe apontar as características de mercadoria assumidas hoje pela informação e pelo conhecimento que, submetidos às leis de mercado, assumem um valor de troca. Sendo indispensáveis atualmente à estrutura produtiva, o conhecimento e a informação despontam como fatores essenciais na disputa pelo poder econômico, político e social.

4.2 Metodologia

Para estudar as práticas de informação dos jovens, foi necessário despende um tempo maior na escolha da metodologia de investigação. O momento dessa escolha foi, sem dúvida, um dos pontos mais complexos da pesquisa, pois as metodologias convencionais que normalmente coletam dados com um único instrumento, pareciam não serem capazes de contemplar as possibilidades que existem no universo informativo juvenil. Por isso a opção foi pela abordagem qualitativa, adotando a análise interpretativa como base metodológica somada a um misto de técnicas e instrumentos utilizados para captar, analisar e interpretar os dados.

Dentro da questão temática proposta, a análise interpretativa apresentou-se como um caminho bastante satisfatório para poder investigar as práticas informacionais dos jovens, porque nesse método a importância está na compreensão simbólica da realidade a ser penetrada. Este método permite elucidar, no tratamento dos dados, as condições cotidianas da vida além de promover o esclarecimento sobre as estruturas desse mundo do dia-a-dia.

Esta é a intenção da pesquisa proposta, entender as práticas de informação e, conseqüentemente, de assimilação da informação como sendo resultado do processo social de um grupo (os jovens) levando em consideração sua contextualização histórica, sócio-cultural, política e econômica.

Para levantar e entender este contexto dos jovens em questão foi necessário um levantamento de dados demográficos e indicadores econômicos do município de Ribeirão das Neves, o que possibilitou uma melhor aproximação da realidade desses jovens e permitiu, principalmente, saber de antemão o acesso que eles tinham, de modo geral, a bens, serviços e equipamentos sócio-culturais.

Depois de conhecido o universo a ser investigado e diante da característica gregária dos jovens, optou-se por trabalhar com a técnica de grupo focal de forma adaptada. Essa técnica tem sua importância, principalmente, pelo aprofundamento qualitativo de questões socializáveis e pela possibilidade de comparação com grupos semelhantes e distintos.

Apesar de ser uma técnica difundida e bastante aplicada em pesquisas de mercado, essa abordagem mostra-se bastante apropriada na complementaridade e aprofundamento dos problemas pesquisados quantitativamente. Dentro do contexto da pesquisa aqui proposta, a técnica de grupos focais aliada à análise interpretativa se mostrou bastante propícia por ter gerado uma riqueza de dados qualitativos e um aprofundamento sobre o comportamento dos jovens pesquisados, suas práticas sociais e informacionais. Um contato direto com os grupos permitiu um encontro com a subjetividade, o que revelou informações ímpares à pesquisa. Sob este aspecto

“a posição do observador em relação às práticas de informação como processos produtivos levanta uma questão importante no que diz respeito ao seu olhar sobre o espaço no qual se desenvolvem essas práticas, e sobre a linguagem, que preenche e dá sentido a esse espaço”. (MARTELETO, 1992, p.95).

Uma grande dúvida ocorreu no momento de pensar onde buscar os grupos de jovens num município com mínimos espaços de sociabilidade, onde são raros os espaços de lazer e convívio. Os lugares mais prováveis eram as escolas, as igrejas, os campos de futebol de várzea, as praças e as ruas. Desses espaços a escola pública foi a melhor alternativa, visto que é um espaço democrático onde todas as “tribos” podem ser encontradas, sem grandes distinções.

A escola escolhida foi a Escola Estadual Manoel Martins de Melo, no Bairro Menezes do distrito de Justinópolis, em Ribeirão das Neves. A escolha se deu com base no Censo Escolar, da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, referente ao ano de 2004. Esta escola apresentou número equitativo de alunos da 6^a série do ensino fundamental ao 3^o ano do ensino médio, uma amostra que contemplava alunos nas faixas etárias entre 12 a 20 anos de idade. Este critério favoreceu certo equilíbrio etário na amostragem.

A boa receptividade por parte da direção e dos alunos da Escola foi fator relevante da escolha. Outra condição preponderante na seleção da Escola, foi a de que os alunos moravam e estudavam no mesmo bairro. Este critério é justificado devido à importância na contextualização dos sujeitos que estavam sendo investigados frente às suas práticas de informação.

O pano de fundo dessa pesquisa foi centrado no cotidiano e a opção pelo universo pesquisado foi caracterizada pelos jovens inseridos no contexto de um determinado bairro. Esta escolha pode ser explicada com base no argumento de MARTIN-BARBERO (1995, p.60), quando explica que é no bairro que a pessoa é legitimamente conhecida como alguém que tem um nome, tem uma vida, tem uma história, é filho de fulano, é pai de beltrano. De maneira que a vida cotidiana,

obviamente, não fica apenas na casa, não fica apenas no bairro, “*mas é tecida por reconhecimentos sociais e tem como espaço produtivo, como espaço criativo, o espaço do bairro*”.

Esta afirmativa se encaixa à realidade dos jovens, principalmente os de periferia urbana, que vivenciam no bairro, ou mais especificamente na escola do bairro, um lugar de convívio e sociabilidade de sua vida gregária.

Com a escola e o bairro escolhidos, a etapa seguinte foi entrar em contato com a direção que prontamente autorizou a realização da pesquisa e facilitou muito o trânsito na escola, reservou uma sala para a realização dos encontros e intermediou o contato com os alunos (jovens) que participaram da pesquisa.

O trabalho com grupo focal exige mais de uma pessoa atuando na pesquisa, por este fato foi necessário o auxílio de duas estagiárias. Na ocasião ambas cursavam o ensino superior e eram moradoras do bairro. A função das estagiárias era a de dar suporte operacional durante as dinâmicas e fazer anotações no decorrer das atividades com os grupos. Os encontros foram filmados, sendo esta tarefa executada por um ex-aluno da escola em questão, que se prontificou a colaborar com a pesquisa.

Durante a escolha dos jovens que participariam da investigação, o fator determinante partiu da característica gregária dessa faixa etária. O grupo foi composto com as “turmas” de jovens já formadas pelas afinidades construídas espontaneamente. Para mapear as “turmas” já existentes, foi necessário contar com a ajuda de professores e funcionários que trabalhavam na Escola há mais tempo e já conheciam bem os alunos. Houve a preocupação de localizar “turmas” com características e comportamentos distintos e assim trabalhar com os grupos dos alunos conhecidos, entre eles, como os ‘bagunceiros’, os ‘estudiosos’, as ‘patricinhas’, os ‘bons de bola’, os ‘tímidos’, etc.

Trabalhar com os jovens em turma facilitou a expressividade e a espontaneidade, pois quando estão agregados se sentem ‘fortes’ e desinibidos. Esta estratégia facilitou no trato do tema que envolvia questões delicadas sobre sexualidade e afetividade.

A amostra ficou composta com 41 jovens (17 moças e 24 rapazes), divididos em 08 grupos e a faixa etária investigada variou dos 13 aos 20 anos de idade.

A pesquisa de campo foi realizada em oito encontros que aconteceram durante quatro semanas. Os jovens, com pequeno índice de desistência, se mostraram interessados em colaborar com a investigação. Da amostra inicial de 44 alunos, apenas 3 optaram por não continuar na pesquisa.

Durante os encontros, além da discussão em grupo, várias técnicas e instrumentos foram utilizados como: dramatizações, música, entrevistas semi-estruturadas, produção de textos, entre outros. O ANEXO 1 mostra o “Diário” que foi utilizado como instrumento onde, voluntária e diariamente, alguns jovens fizeram anotações durante uma semana. A instrução era para que fizessem anotações de informações e assuntos ligados à sexualidade, caso ocorresse no transcorrer do dia e conseqüentemente da semana. O “Diário” possibilitou identificar, entre outras coisas, como os jovens, buscam, produzem, recebem e assimilam informações no seu cotidiano.

Os encontros aconteceram 01 (uma) vez por semana e duraram em torno de 40 (quarenta) minutos a 01 (uma) hora. O primeiro dia foi reservado para as apresentações e explicações sobre as intenções da pesquisa. Importante frisar que, na intenção de evitar indução de respostas, de início não foi dito que o tema principal a ser investigado era a gravidez precoce, por isso no primeiro dia falou-se de sexualidade de modo geral. Uma breve dinâmica de entrosamento foi realizada e em seguida verificamos quais os jovens se comprometeriam em levar o diário para casa para fazer as anotações e trazê-lo no próximo encontro. Onze alunos se candidataram a levar os diários.

No segundo contato nove diários retornaram, os demais alunos não devolveram, alegando que não tiveram tempo para fazer as anotações. Nesse dia foi trabalhada a discussão em grupo em torno de um texto extraído da mídia impressa de uma coluna de perguntas e respostas do tipo “o doutor responde”. São nessas colunas de consulta, *“que principalmente os adolescentes e jovens, buscam*

esclarecer suas dúvidas sobre saúde, sexo, afetividade e drogas, dentre outros temas”. (ANDI, 2003).

No texto proposto, um adolescente escrevia para a coluna de uma revista na intenção de esclarecer dúvidas sobre a relação sexual com sua namorada. Nesse dia o grupo ainda estava inibido, entretanto houve boa participação e um bom nível de discussão.

No terceiro encontro, complementar à coleta de dados, foi aplicada entrevista semi-estruturada com perguntas abertas e de múltipla escolha sobre o comportamento informacional em torno do tema gravidez precoce.

No último encontro, como os grupos já estavam bem entrosados, optou-se por trabalhar com formas variadas de expressão. Primeiramente foi realizada uma dinâmica de “Brain Storm” com o tema “gravidez na adolescência” e a partir das palavras e frases anotadas no quadro, foi solicitado que cada grupo produzisse de forma criativa um meio de se expressar sobre o que havia sido levantado. Os grupos se expressaram através de dramatizações, letras de músicas e produções de texto. Ao final dos encontros um rico volume de material empírico e dados havia sido recolhido.

Os encontros serviram como meio para mergulhar na realidade dos jovens e tecer uma compreensão simbólica do seu dia-a-dia. Todo o material empírico coletado possibilitou o contato com suas falas, construções discursivas e comportamentos e colaborou ainda para o processo do entendimento de suas práticas sociais e informacionais.

O marco teórico esteve presente o tempo todo durante cada etapa dessa pesquisa, e, como a base metodológica proposta é a análise interpretativa, o material empírico é entendido aqui como o ponto de partida e de chegada da interpretação dos dados. Nesse momento da investigação será estabelecido um ritmo de ir e vir entre o teórico e o empírico para que se possa analisar os dados de forma coerente e com o rigor que a metodologia determina.

5. PRÁTICAS INFORMACIONAIS E JUVENTUDE DE PERIFERIA URBANA



Desenho:

Vagner Luiz Caldeira da Silva (27 anos, morador de Ribeirão das Neves, 2005).

A prática de informação é constituída num contexto sócio-cultural, onde os sujeitos partindo de suas experiências pessoais e de suas conveniências, empreendem movimentos de recepção, busca, geração e transferência de informação. Práticas estas objetivadas pela percepção, apropriação, rejeição e uso de determinado fluxo informacional que variavelmente produz sentidos, conhecimentos e ações efetivas para conduzirem suas vidas e se relacionarem coletivamente.

5.1 O grupo e o tema

O grupo era composto por 41 jovens (17 moças e 24 rapazes) e a faixa etária investigada variou dos 13 aos 20 anos de idade.

Dentro deste grupo, foi possível estabelecer um princípio para entender o universo dessas práticas sob o aspecto do processo da informação assimilada de forma **voluntária** (onde o jovem faz a opção pela busca da informação) ou da informação assimilada de forma **involuntária** (na característica de receptor, o jovem não realiza a opção de busca).

Interessante pontuar que o principal tema investigado junto aos jovens foi a gestação precoce, no entanto tornou-se necessário a abordagem de outros temas afins. Dentro dessa perspectiva, o trabalho desenvolvido tratou de informações relativas a sexualidade, métodos contraceptivos, gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis (DSTs, AIDS) e planejamento familiar.

Como uma maneira de adentrar no universo dos jovens e saber o que eles conheciam sobre os temas ligados à sexualidade, foi perguntado se tinham dúvidas sobre a mesma. Surpreendentemente 59% (24 jovens) disseram que não tinham nenhuma dúvida sobre assuntos relacionados à sexualidade. Um jovem chegou a dizer num tom irônico:

“Sou muito bem informado sobre o assunto.” (Um jovem de 16 anos).

Desses 24 jovens que não tinham qualquer dúvida sobre sexualidade, a maioria eram rapazes (18). Os demais rapazes que admitiram ter dúvidas, queriam obter mais informações apenas sobre DSTs e AIDS.

Entre as jovens, apenas 6 disseram não terem dúvidas sobre o assunto, as demais 11 tinham dúvidas bem mais diversificadas que os rapazes, onde a maioria das dúvidas eram ligadas ao comportamento afetivo como, por exemplo:

“Gostaria de saber qual a importância de uma noite de sexo na vida de um homem?” (Uma jovem de 17 anos).

“Se a primeira vez for ruim e acabasse ficando com algum trauma, o que eu deveria fazer?” (Uma jovem de 16 anos).

As jovens também tinham dúvidas sobre métodos contraceptivos, DSTs e AIDS.

Um ponto bem interessante ocorreu quando os jovens que responderam não terem dúvidas sobre sexualidade, foram perguntados, logo em seguida, se conheciam algum método contraceptivo. Todos disseram conhecer algum método contraceptivo, sendo que a camisinha foi o método citado por todos. Além da camisinha, alguns jovens complementaram a resposta afirmando conhecer também a pílula anticoncepcional, a pílula do dia seguinte, o DIU, o diafragma e a tabelinha. Imediatamente foi perguntado a eles se seriam capazes de detalhar o uso de algum destes métodos. A maioria explicou o procedimento de colocação da camisinha. Com relação aos demais métodos apenas 4 jovens conseguiram detalhar o uso de forma correta.

Quando perguntados onde obtiveram informações sobre os métodos citados, foi estabelecida a seguinte ordem nas respostas:

Ordem por citação	Espaços de obtenção de informações sobre métodos contraceptivos
1º	Amigos
2º	Em casa
3º	TV
4º	Escola
5º	Posto de saúde
6º	Livros

TABELA 6. Espaços onde os jovens obtêm informações sobre métodos contraceptivos, por ordem de citação.

Este quadro contempla as fontes de informação dos jovens sobre o uso dos métodos, entretanto mais alarmante é a idéia que eles fazem de serem bem informados a respeito do assunto. A maioria obtém informações dos amigos que muitas vezes, são da mesma faixa etária e grupo social. Neste caso parece que há uma prática comum de troca de informações superficiais, distorcidas e sucessivamente repassadas entre eles. Com as informações obtidas nesse nível de informalidade eles se julgam bem informados, mas na realidade carecem de informações corretas e confiáveis sobre sexualidade de modo geral. O interessante é que eles sabem que os amigos não são fontes confiáveis, mas são as fontes mais acessíveis.

No último encontro, depois de uma dinâmica de “Brain Storm” com o tema “gravidez na adolescência”, foi anotado no quadro palavras e frases que o grupo levantou durante a dinâmica. Em seguida, foi solicitado que cada grupo produzisse de forma criativa um meio de se expressar sobre o que havia sido discutido durante o encontro. Os grupos se expressaram através de dramatizações, letras de músicas e produções de texto.

Nas dramatizações, nos textos e nas letras das músicas, fica clara a associação que os jovens fazem entre método contraceptivo e a questão da AIDS/DSTs. O que leva a crer que os jovens passaram por um interessante processo de assimilação involuntária da informação sobre esses assuntos, através das inúmeras campanhas de conscientização e que de uma forma positiva foi capaz de lhes produzir sentido. Interessante frisar que 90% dos jovens investigados já haviam tido

acesso à alguma campanha sobre prevenção da AIDS. Vale a pena, reapresentar aqui, alguns dados da pesquisa do UNICEF, (2000a) que corrobora com esta temática. Nesta pesquisa, foi perguntado sobre os tipos de programas de orientação sexual de que os adolescentes gostariam de participar. Entre os que sugeriram algum programa, 19% gostariam de ver mais campanhas e informações na mídia, 12% pedem providências na escola, 7% sentem falta de orientações mais claras e detalhadas sem especificar a fonte de informações e 6% cobram providências e informações mais acessíveis nos postos de saúde, enquanto 25% não sabem definir o programa que gostariam e 20% não responderam.

Retomando a questão da assimilação involuntária da informação veiculadas nas campanhas sobre AIDS e os efeitos produzido nos jovens, é possível verificar tal fato observando as letras das músicas apresentadas por eles no último dia de dinâmica do grupo focal.

Letra de música 1

Estilo/Ritmo: Rap

Idade dos compositores: 14, 15 e 16 anos.

“Garotos e garotas escutem o que digo

A camisinha é nossa amiga

E estamos sempre protegidos

Meninos e meninas prestem a tenção

Usem a camisinha

Pra não terem um problemão.”

Letra de música 2

Estilo/Ritmo: Axé (Paródia da música ‘Festa’ de Anderson Cunha - interpretada por Ivete Sangalo)

Idade dos compositores: 17 e 18 anos.

*“Festa no quarto pode vir, pode chegar
Mas usando a camisinha para não engravidar
Festa no quarto pode vir, pode chegar
Que na hora do bem bom, o bicho vai pegar.*

*Tem gente de toda cor
Tem gente que tá sem mulher
Guitarra de Rock’n roll
Batuque de Candoblé. Vai lá*

*Pra ver
O colchão se balançar
Mas usando a camisinha
Pro vírus não te pegar*

Não usou ... não usou ... Não usou ...

*Não usou a camisinha
Vai pagar
Depois de nove meses o bebê vai chegar
Não usou a camisinha
Vai pagar
Foi o doutor quem mandou avisar.”*

As duas letras refletem o quanto a camisinha está presente no imaginário dos jovens como método contraceptivo e preventivo à AIDS e DSTs.

5.2 As Fontes de informações

A respeito das fontes de informações, a concentração ficou por conta das fontes disponíveis no cotidiano. A atenção foi dirigida às mais populares como a mídia impressa, a comunicação face a face, a TV e o rádio. Ressaltando que a Internet não faz parte da vida cotidiana dos jovens investigados, esta fonte não foi citada por eles na pesquisa, assim não foi mencionada em nenhum momento da análise dos dados.

Importante destacar que com a investigação evidenciou-se que os jovens em questão se sentem bem informados simplesmente por receberem as informações provenientes da mídia, dos amigos, da família e da escola. Entre os jovens não é prática comum o hábito de buscar informações a partir da percepção de uma necessidade efetiva.

Na intenção de fazer um contraponto com os espaços em que eles obtêm informações, foram questionados sobre quais seriam os melhores lugares e/ou pessoas para esclarecer as dúvidas sobre sexualidade, métodos contraceptivos, gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), AIDS e planejamento familiar, 90% citaram a figura do médico, especificamente o ginecologista, como a melhor fonte esclarecedora. Ressaltando que os rapazes se consideram como “mais esclarecidos”, já as moças eram as que mais tinham dúvidas sobre o assunto.

A Tabela 7 apresenta a comparação entre as fontes que são, normalmente, consultadas pelos jovens e as fontes que eles consideram como as mais apropriadas.

Observa-se que dentre as fontes citadas como as mais apropriadas não é mencionado nenhum veículo de informação/comunicação da mídia (eletrônica ou impressa). Isso leva a crer que o contato pessoal, face a face, é o desejado pelos jovens.

“Para esclarecer minhas dúvidas eu procuraria um médico (ginecologista), porque é mais discreto e mais confiável”. (Uma jovem de 17 anos)

“ Eu procuraria professores. Bem quando estivermos tratando do assunto fica mais fácil”. (Um jovem de 13 anos)

Fontes normalmente consultadas		Fontes consideradas mais apropriadas	
Ordem por citação	Fontes	Ordem por citação	Fontes
1º	Amigos	1º	Médico
2º	Em casa	2º	Pais
3º	TV	3º	Professores
4º	Escola	4º	Posto de saúde
5º	Posto de saúde	5º	Psicólogos
6º	Livros	6º	Amigos

TABELA 7. Comparativo entre as fontes de informação, sobre assuntos ligados à sexualidade, mais apropriadas e as normalmente consultadas pelos jovens.

5.3 Informação, produção de sentidos e os jovens de periferia urbana

As práticas de informação são processos produtivos onde se torna fundamental o entendimento do espaço no qual se desenvolvem essas práticas e de como os sujeitos fazem uso das fontes e da linguagem que preenchem e dão sentido a esse espaço.

Partindo do pressuposto que a compreensão é um processo de negociação de sentidos sustentada no sujeito, na situação pragmática e na informação. faz-se necessário analisar três elementos básicos constituintes das práticas de informação do jovem de periferia urbana a saber: o sujeito, a informação e o contexto.

5.3.1 O Sujeito e o contexto

Ocorrências de gravidez precoce têm relações diretas com o nível sócio-econômico e cultural dos jovens envolvidos. Nesta pesquisa, este quadro é confirmado ao abordar a temática da informação como um dos itens que colaboram pra o agravante desta situação.

A realidade cotidiana destes jovens tem o contorno da carência: carências de lazer, de educação de qualidade, de trabalho, de oportunidades, de cultura, do cumprimento dos seus direitos e sobretudo de informações adequadas.

Além dessas carências que afetam diretamente sua realidade, o nível da renda familiar limita consideravelmente o desenvolvimento destes jovens.

Não obstante, é fácil observar que esses percalços não conseguem minar a capacidade destes jovens de se apaixonarem, de ousarem, de se arriscarem, em fim, de serem jovens.

Questões afetivas, nessa faixa etária, são acentuadas. Ama-se e odeia-se com muita facilidade. A paixão, o ficar e o transar fazem parte do dia-a-dia destes jovens.

Durante as dinâmicas com o grupo, ficou claro o quanto os jovens sofrem com a ociosidade. Em um dos encontros um jovem disse:

“Nossa única diversão aqui, é “ficar” com as meninas na praça”. (Um jovem de 17 anos)

Tal afirmação evidencia, o quanto a realidade sócio-econômica e cultural se agrava e tende continuar mantendo influências diretas com os problemas da gravidez precoce.

Na produção de sentidos, o jovem, entendido como sujeito-interativo-informacional-aprendiz, desempenha papel ativo onde o processo inferencial permite e garante a organização dos sentidos elaborados por eles na sua relação com

determinada estrutura de informação. Além de favorecer a organização das relações de significado relativas à informação, o processo inferencial permite destacar a *malha* ou *teia* de significados que o jovem é capaz de estabelecer diante da assimilação da informação. Essas relações não são aleatórias, mas se originam no encontro-confronto de dois universos no momento da prática de informação: o do sujeito e o da estrutura de informação.

Sob este aspecto os jovens investigados demonstraram limitações na capacidade de estabelecer o “encontro-confronto” do universo pessoal com a estrutura de informação.

Embora ativos, criativos e curiosos os jovens de periferia urbana se expressam de modo bastante simples. Com base na investigação foi possível perceber que dispõem de pouca bagagem “cultural/educacional” além de poucos recursos lingüísticos para exprimirem seus pensamentos. Ao analisar seus escritos e comportamentos durante as dinâmicas, verificou-se, na maioria, pouca capacidade crítica frente às informações, às fontes e aos acontecimentos do cotidiano.

Durante uma semana foi solicitado a alguns jovens que fizessem anotações diárias sobre os acontecimentos no seu dia, principalmente sobre informações relativas a sexualidade. Ao analisar os diários, observa-se que há uma dificuldade no entendimento do que é relevante para suas vidas do ponto de vista informacional. As respostas abrem um leque de possibilidades em torno das dificuldades enfrentadas pelos jovens, isto é, não conseguem perceber que informações estão circulando no dia-a-dia, as quais eles poderiam se apropriar. Este comportamento se justifica, talvez, pelo fato de no momento da recepção/recuperação da informação ela não lhes sejam convenientes. Com relação à temática da gravidez precoce esta dificuldade pode ser justificada por não haver nenhuma campanha efetivamente dirigida a eles sobre as conseqüências da gravidez precoce.

No decorrer das dinâmicas ficou claro que as campanhas sobre a AIDS surtiram efeitos no imaginário dos jovens, pois percebe-se o “medo” em suas falas ao mencionarem o contágio da doença. No entanto, poucos associaram o uso da

camisinha como um método contraceptivo. Para a maioria, o uso da camisinha parece servir apenas para a não contaminação da AIDS.

Ficou bastante evidente que as informações sobre gravidez precoce precisam fazer parte do cotidiano dos jovens, assim como as campanhas da AIDS. Em suas falas, percebe-se que não faltam informações apenas sobre os métodos contraceptivos, na verdade, eles foram capazes de citar inúmeros métodos no entanto não os conheciam profundamente. Em suas falas, transparece que há uma necessidade de que em campanhas em torno do tema gravidez precoce, sejam focadas nas informações relativas aos riscos sociais e psicológicos por qual os adolescentes passam quando ocorre uma gestação precoce.

Algumas moças, que vivenciaram de perto alguma amiga ou parente adolescente com filhos sentiram que, há falta de informação sobre as conseqüências que a gravidez precoce traz para a vida da jovem.

“Muitas adolescentes engravidam não porque querem, mas sim por falta de informação, não tendo responsabilidade suficiente para cuidar do filho, às vezes pensam só no sexo e no prazer e não pensando nas conseqüências, assim perdem sua juventude e liberdade. A gravidez na adolescência traz muitos problemas. usando a camisinha elas poderiam estar evitando inúmeras doenças e também um filho. AS várias adolescentes que são mães, sofrem preconceitos, até mesmo em sua própria casa e com os amigos” (Uma jovem de 17 anos)

Com relação ao grupo investigado um fato isolado merece ser comentado. Durante a seleção da amostra, o critério de escolha dos jovens que participariam da amostra seria a questão gregária, e por isso não houve uma preocupação se seriam jovens que estariam grávidas ou que já tivessem filhos, pois na verdade a intenção é a de saber sobre as práticas informacionais desses jovens. Entretanto no grupo, ao analisar os diários, uma jovem de 16 anos revelou que estava no início de uma gravidez inesperada. No diário desta jovem grávida estava escrito o seguinte:

“Hoje eu não ouvi muitas coisas sobre sexualidade, eu ouvi falar na televisão sobre gravidez na adolescência, que tem como prevenir a gravidez. Eles mostraram coisas que todo mundo já sabe”. (Anotações do 1º dia do diário. Jovem de 16 anos grávida)

“Hoje eu conversei uma coisa muito importante, que é a gravidez na adolescência, porque eu sou adolescente e estou grávida, então achei importante eu escrever isso. Minha mãe conversou sobre isso comigo e com minhas irmãs, para elas se prevenirem, para não acontecer com elas o que aconteceu comigo, engravidar na adolescência.” (Anotações do 4º dia do diário. Jovem de 16 anos grávida)

Com base nas anotações do diário, no primeiro dia a jovem demonstra pouco interesse pelas informações veiculadas na mídia, embora as tenham assimilado, Parece que tais informações não produziram muito sentido para esta jovem, pois na realidade apesar de demonstrar certa segurança em suas anotações ela parece não conhecer muito bem os métodos contraceptivos.

5.3.2 As informações

Tendo como pressupostos o processo da informação assimilada de forma **voluntária** (onde o jovem faz a opção pela busca da informação) ou da informação assimilada de forma **involuntária** (comportamento típico de receptor passivo) foi possível jogar uma luz sobre o universo das práticas de informação de jovens de periferia urbana e à questão da gravidez precoce.

No universo dos jovens de periferia urbana investigados, ao que se refere às informações específicas sobre gravidez precoce, verificou-se a predominância de dois modos de práticas de informação: voluntário e involuntário, sendo que na informação assimilada de forma voluntária a predominância é estabelecida pelo

contato face a face a partir das relações pessoais. A informação assimilada de forma involuntária se dá praticamente pelo intermédio da televisão.

Durante as dinâmicas constatou-se que a grande maioria dos jovens investigados não têm como prática a busca por informações em fontes tradicionais, como bibliotecas, livros, internet e revistas, etc. Sob este aspecto MARTELETO & RIBEIRO (1995, p.530) trazem à reflexão a relevância da comunicação face a face quando afirmam que “*o sujeito se traduz num recurso humano para a produção, operacionalização, distribuição e consumo de informações*”. Assim, quando os jovens precisam esclarecer alguma dúvida sobre sexualidade procuram, normalmente, pessoas de confiança como amigos, familiares, professores.

Nesse caso a assimilação voluntária da informação se dá por intermédio da comunicação face a face.

Quando questionados sobre a confiabilidade das informações recebidas especificamente dos amigos, manifestaram certa insegurança. Mas afirmaram que é junto aos amigos que têm mais abertura para conversar assuntos tão íntimos.

Os jovens percebem que os profissionais de saúde são as melhores fontes de informação sobre sexualidade e gravidez precoce, muitos manifestaram grande interesse em buscar tais informações junto a esses profissionais, mas existem barreiras de acesso como: o alto custo de uma consulta com ginecologista, o difícil acesso aos serviços públicos de saúde, além do fato dos profissionais ligados ao Programa Saúde da Família serem moradores do bairro, pois os jovens não se sentem a vontade e ficam receosos sobre possíveis comentários na comunidade.

Tais constatações, levam a crer que a comunicação face a face se apresenta como uma prática de informação bastante eficaz para se trabalhar junto a jovens de periferia urbana quando se trata do tema gravidez precoce e sexualidade de modo geral, visto que não conhecem muito bem outras realidades informacionais além da TV, do rádio e da comunicação face a face.

Quando o jovem obtém uma informação motivado por uma conveniência e se empenha em buscá-la, ao que tudo indica, parece ser mais significativo o sentido pragmático que tal informação produz em sua vida. Sendo assim percebe-se haver

diferença no sentido que uma informação produz nos jovens se assimilada voluntária ou involuntariamente.

Durante as dinâmicas foi apresentado aos jovens um vídeo sobre o assunto gravidez na adolescência. O vídeo era relativo a uma matéria exibida no programa “Vídeo Show” da Rede Globo o qual apresentava jovens atores que no ano de 2004 estavam trabalhando com personagens que passavam por situações em torno da gravidez na adolescência, os atores tinham seus personagens inseridos na novela do “horário nobre” – “Senhora do Destino” e na novela “Malhação” que é exibida às tardes a qual possui um fiel público juvenil. Na matéria apresentada os atores estavam ao ar livre, sentados ao lado do Doutor Jairo Bauer onde, numa conversa descontraída, comentavam sobre seus personagens e as situações em torno dos problemas enfrentados por causa da gravidez precoce.

Depois de exibido o vídeo foi colocada a seguinte pergunta:

- Da matéria exibida, o que foi discutido que você achou mais interessante?

A maioria das respostas foram curtas, como por exemplo. “*achei interessante*” ou “*é bom para conscientizar os jovens*”.

Entretanto algumas respostas merecem destaque:

“Bom, do que foi discutido o que eu achei interessante, foi a maneira da conversa. Assim, o jeito que eles se reuniram para discutir sobre sexualidade, reuniram rapazes e moças para falar sobre o assunto. Assim fica bem melhor porque as mulheres tem uma dúvida e os rapazes tem a sua”. (Um jovem de 18 anos)

Em um dos trechos do vídeo são mostradas cenas de uma das novelas em que a adolescente grávida passa por um momento de crise, se assusta com determinado fato e sofre um aborto espontâneo. E sobre isso uma das jovens escreve:

“Bom, não sabia que com um trauma muito forte a mulher poderia perder uma criança. É uma informação que não sabia. A matéria é interessante e sacia

algumas dúvidas, não todas, mas faz com que fiquemos interessados e busquemos mais informações ...” (Uma jovem de 17 anos)

Esta é uma fala muito interessante, visto que abre muitas possibilidades de análise. Num primeiro momento, dá a impressão de que é um hábito a busca de informações em outras fontes, mas as reticências deixam uma dúvida com relação a esse tipo de comportamento de informação.

Outra resposta que merece ser mencionada é a de uma adolescente de 13 anos que diz:

“Eu achei muito importante passar essa matéria nas novelas, pois eu particularmente adoro novela, e por isso eu fico sabendo da informação, eu acho as novelas muito importantes”. (Uma jovem de 13 anos)

Essa fala retrata o quanto a televisão é presente na vida dos jovens e quanto é forte seu poder de penetração no imaginário juvenil.

É questionável, então, o argumento de BORELLI (1995) que trata sobre um pressuposto teórico da existência de um contrato de leitura, ou melhor, de um *pacto de recepção* que prevê que os leitores/espectadores se situam como sujeitos ativos, constitutivos e constituintes, dos processos de recepção.

“Mediados por suas experiências cotidianas e por repertórios que resultam de suas posições de classe, gênero, geração, etnia e formas de subjetivação, os receptores mergulham no fascínio das narrativas, histórias, enredos e personagens, reconhecendo os territórios de ficcionalidade, dialogando com as dimensões da videotécnica, estabelecendo conexões de projeção e identificação e construindo uma competência textual narrativa. (BORELLI, 1995).

Por ser eminentemente situacional a recepção, como prática de informação, adquire conotações diferentes de acordo com a competência cognitiva dos sujeitos e

sua realidade cotidiana. Sob este aspecto se for considerado as restrições socio-culturais e educacionais por quais passam os jovens de periferia urbana as formas de subjetivação destes receptores os fazem mergulhar no fascínio das narrativas, enredos e personagens onde é perceptível que não há um distanciamento claro entre as dimensões da ficção e da realidade. Estes jovens não apresentam bagagem crítica para manter tal distanciamento onde é prevacente a dimensão da ficção sob a forma de identificação e projeção em situações e personagens fictícios o que na maioria das vezes não condiz com suas realidades.

Na resposta seguinte é possível observar tais características:

“Na minha opinião é bom passar na TV esses assuntos, assim evita muitas meninas de engravidar, eu achei interessante que nas novelas, os pais dos adolescentes aceitaram muito bem a gravidez e na vida real, aqui fora, muitos pais não aceitam”. (Uma jovem de 14 anos).

É fácil perceber que a jovem tem clareza do distanciamento que há entre a ficção e a vida real, no entanto, parece que há uma banalização da situação, por parte das personagens, levando a entender que esta seria uma situação corriqueira também na vida real. Esta abordagem fantasiosa de um problema tão grave afeta de forma direta a realidade desses jovens que muitas vezes não têm capacidade de separar a fantasia da ficção.

Provavelmente se os jovens tivessem acesso a outros canais e fontes de informações confiáveis, essa realidade poderia ser outra, mas no entanto o campo investigado se apresenta cheio de carências materiais, afetivas e informacionais.

No âmbito das informações dirigidas aos jovens, que circulam no cotidiano, a grande mídia representada pelas emissoras de TV, poderiam ser um bom suporte nesse processo. Algumas emissoras tentam incrementar a discussão sobre a gravidez precoce, mas não são capazes de ultrapassar a barreira comercial. Onde cabe à alguns programas (de entrevistas, telejornais e novelas) tratar do assunto muitas vezes de forma superficial e fantasiosa. É fato que a programação da TV, na sua maioria, tende a tratar das questões da juventude de forma padronizada, generalizando as realidades da juventude brasileira que é tão diversa.

Esses são apenas alguns dos aspectos da mídia, que impedem que a mesma seja hoje um bom agente informador sobre os problemas relativos a gravidez precoce e sexualidade. Dessa forma entende-se, que tais aspectos relativos a grande mídia, somados ao contexto econômico e sócio-cultural dos jovens de periferia urbana acabam por não conseguir que os mesmos percebam uma necessidade efetiva de tais informações, e assim, a maioria não se apropria da informação, rejeitando-a ou tendo dificuldades em assimilar essa informação que é recebida de forma involuntária.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Desenho:

Vagner Luiz Caldeira da Silva (27 anos, morador de Ribeirão das Neves, 2005).

A partir das práticas de informação na esfera da cultura e da vida cotidiana o estudo buscou analisar a relação das práticas informacionais dos jovens de periferia urbana e as influências destas práticas, no entendimento (ou não entendimento) do problema da gravidez precoce.

A condição juvenil, foi tratada como um fenômeno criado e sustentado culturalmente, enfatizando aspectos sociológicos, antropológicos e políticos, entendido na sua intersubjetividade, nas suas interações sociais e nas suas práticas de informação e comunicação cotidianas.

A investigação das práticas informacionais entre os jovens de periferia urbana se deparou com uma realidade cultural e sócio-econômica desfavorável. Estes cidadãos são, sem dúvida, pouco favorecidos em suas necessidades básicas como saúde, educação, trabalho, cultura e lazer. Tais carências estão culminando, entre outros problemas em altos índices de violência, desemprego, aumento dos casos de DSTs, AIDS e gravidez precoce.

A proposta da pesquisa se alicerçou na dinâmica informacional da esfera cotidiana de jovens de Ribeirão das Neves, cidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte e teve como recorte temático questões da gravidez precoce como risco social.

O ponto orientador desta pesquisa encontrou apoio no conceito de informação como prática social. Prática está preconizada como aquela desenvolvida através das ações de atribuição e comunicação de sentido e que podem provocar transformações nas estruturas individuais e sociais gerando novos estados de conhecimento.

A experiência de penetrar no universo dos jovens para compreender suas práticas informacionais relativas à gravidez precoce trouxe, a princípio, o desejo de tentar entender a informação no contexto do cotidiano. Que informações esses jovens recebem e procuram sobre: gravidez, métodos contraceptivos, planejamento familiar, etc? Por quais vias tais informações são disseminadas? Como esses jovens as interpretam e que sentido produzem?

Estas perguntas foram parte constitutiva do objeto desta pesquisa, e norteou o trabalho de investigação a respeito das práticas informacionais junto aos jovens de Ribeirão das Neves.

O material empírico foi abordado por meio de metodologia qualitativa, utilizando como instrumento de pesquisa a técnica de grupos focais associada a outras ferramentas para coleta de dados. O “*Guia para estudo dos processos de assimilação de informação*” auxiliou a pesquisa, especificamente, a análise dos dados, pois ajudou a manter o foco da análise nos processos relevantes das práticas informacionais.

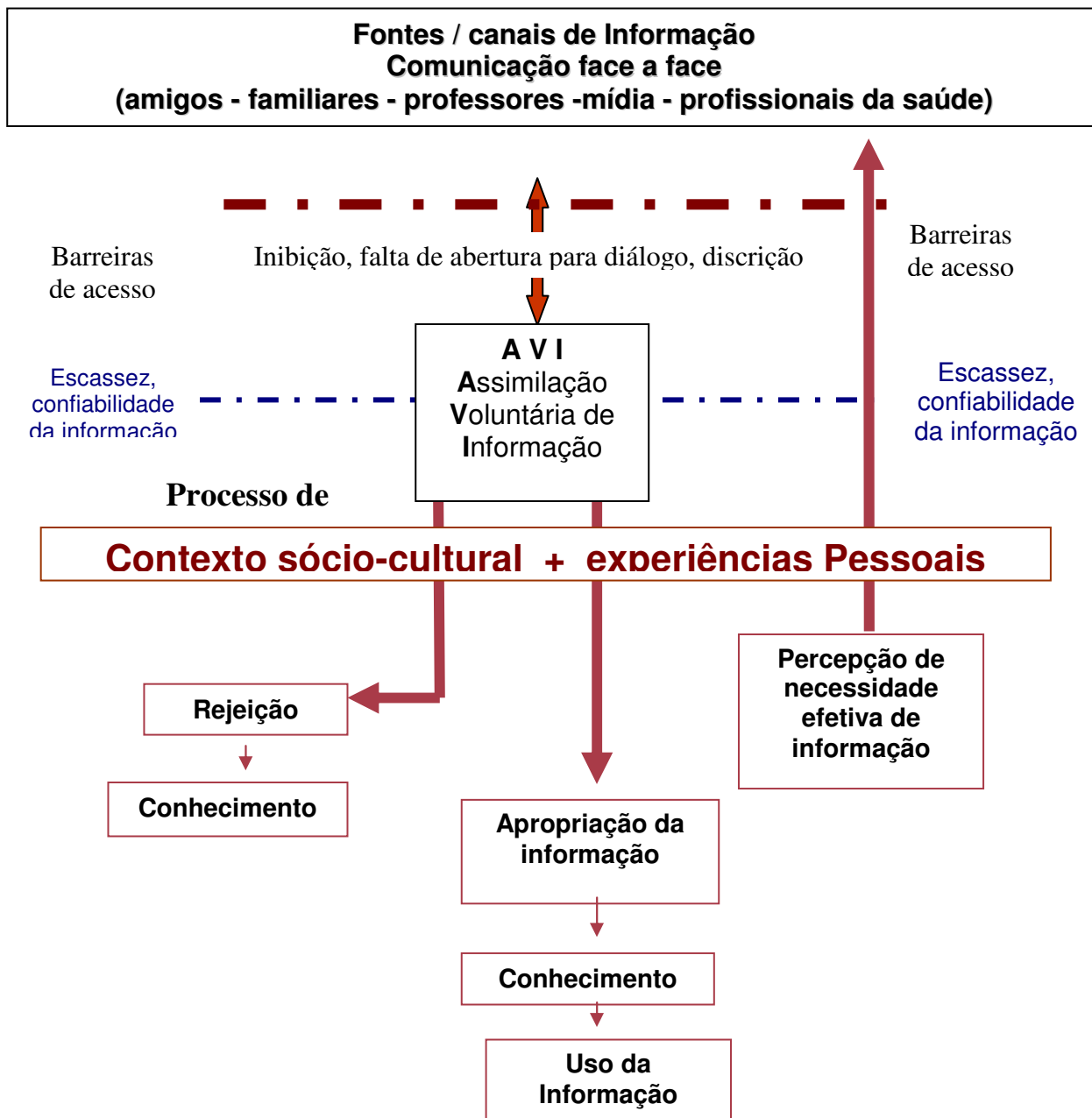
Entretanto, mesmo com todo o esforço despendido, nem todos esses questionamentos tiveram respostas significativas. Foi possível analisar e descobrir a respeito das informações que esses jovens recebem e procuram sobre: gravidez, métodos contraceptivos, planejamento familiar. Também, ficou evidente na pesquisa quais são as fontes de informações mais consultadas e as que disseminam informações sobre gestação precoce e sexualidade entre os jovens.

Os resultados alcançados podem ser visualizados no “*Guia para estudo dos processos de assimilação de informação*”. As Figuras 3 e 4 apresentam, de modo esquemático, os processos de assimilação voluntária e involuntária da informação, mostrando o que foi possível averiguar e o que não foi possível.

No universo da juventude de periferia urbana dois processos de assimilação da informação foram identificados como relevantes, mediadores da produção de sentidos e conseqüentemente influentes nas atividades cotidianas destes jovens. O primeiro processo é compreendido pela assimilação voluntária da informação estabelecida pela comunicação face a face e o segundo processo compreendido pela assimilação involuntária da informação estabelecida através da televisão.

Processo de Assimilação Voluntária da Informação

COTIDIANO



Processo de Assimilação Voluntária da Informação

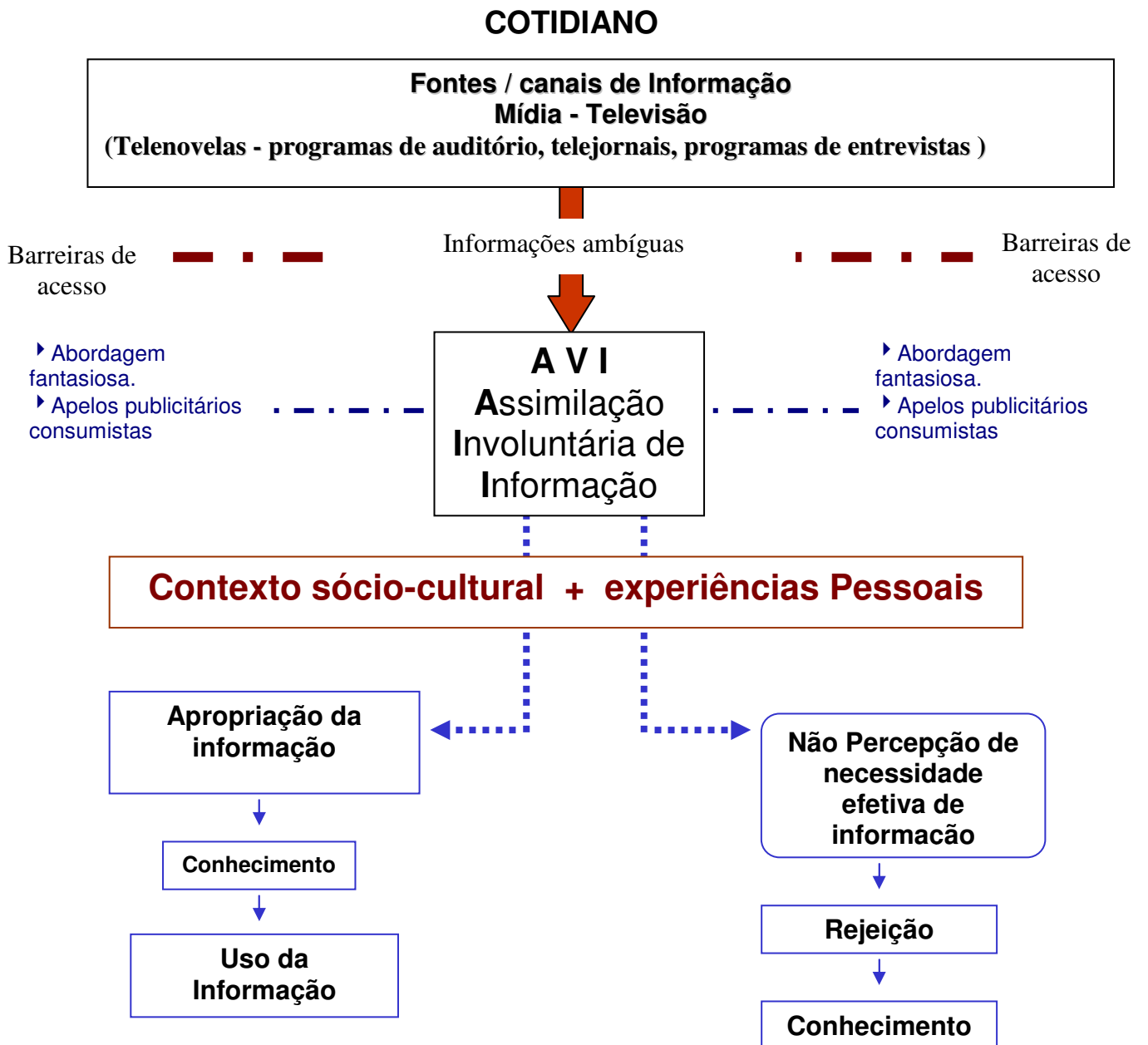


FIGURA 4 – Processo de Assimilação Involuntária da Informação dos jovens de periferia urbana

Com base na análise dos dados ficou entendido que práticas de informações são estabelecidas, predominantemente, através da comunicação face a face e assimilações de informação obtidas por intermédio da televisão, que é o meio de comunicação de massa mais difundido no grupo investigado, devido à sua fácil acessibilidade.

Dentro dessa perspectiva se torna visível a relevância da informação enquanto mediadora da produção de sentidos e conseqüentemente influente nas atividades cotidianas destes jovens que, dentro de suas limitações sócio-culturais e econômicas, necessitam de orientação adequada para desenvolverem sua capacidade crítica, visto que as estruturas de informação e comunicação são indispensáveis à construção da plena cidadania juvenil.

Esta é uma observação que merece atenção, pois se faz necessária e urgente na intenção de melhor direcionar a informação a cumprir seu papel de possibilitar ações que minimizem a vulnerabilidade juvenil e os problemas sociais incidentes à esse grupo de cidadãos, como a gravidez precoce.

Os jovens investigados demonstraram pouca competência cognitiva e carência de um tratamento melhor por parte de toda a sociedade necessitando de orientação para desenvolverem sua capacidade crítica, para canalizarem de forma positiva sua energia, seus desejos e sonhos, para que se tornem sujeitos transformadores e, efetivamente, promotores de ações coletivas positivas e construtivas, para eles próprios e para toda sociedade.

Os jovens de Ribeirão das Neves durante as dinâmicas de grupo focal demonstraram, entre outras coisas, suas carências sócio-econômicas e culturais e suas necessidades de informações. O acesso aponta ser o principal problema dos jovens relativos a informação. Existem inúmeras barreiras de acesso como a falta de serviços de informação eficazes e de linguagem acessível à eles.

Estes jovens clamam, em sua simplicidade, por possibilidades concretas de viverem sua juventude com mais dignidade, pois demonstraram saber que sua situação de vulnerabilidade e o mal traço identitário que lhes é conferido é uma

circunstância de sua condição social. Sendo assim, quanto mais se investiga sobre situações como esta, mais se faz necessário entender que as estruturas de informação e comunicação são instrumentos para se alcançar a cidadania e indispensáveis ao desenvolvimento social, econômico, político e cultural da sociedade.

ABSTRACT

This work deals with the practice of information between the young of the urban periphery, having relative questions to the precocious pregnancy as thematic clipping. The investigated young are living of Ribeirão das Neves, city of the Metropolitan Region of Belo Horizonte, borough marked by serious socio-cultural and economic problems. Under this context, the practice of information was analyzed in the sphere of the cultural dynamic, of the daily life. The theoretical landmark is based in an anthropologic reading of the information, tracing different readings regarding the informational citizen. The empirical field is boarded by the qualitative methodology, using the technique of focal groups. For analysis and interpretation of the data, a "Guide for study of the process of assimilation of information" was developed, and, under the light of the theoretical referential, it made possible, among others proved evidences, to identify some ways of how the citizens (young) deal with the information, knowing that, in the universe of the youth of the urban periphery, the biggest influence is given by the television and orally.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Charles Jean I. de. **Estudo crítico ao Estatuto da Criança e do Adolescente**: comentários e análises. Porto Alegre: Síntese, 1999.

AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida. Adolescência e gravidez: o processo de subjetivação de adolescentes grávidas na contemporaneidade. **Revista Symposium**: Pernambuco, v.4, n. especial, p.53-60, 2000.

ANDI. **A mídia como consultório?** Uma análise técnica e jornalística das perguntas e respostas sobre saúde e comportamento veiculadas pela mídia impressa e eletrônica. Brasília: ANDI; UNICEF. 2003.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga. Transferência de informação como processo social: uma proposta de paradigma. **Informação e Sociedade: Estudos**. João Pessoa, v.7, n.1, p.117-127.

ARAÚJO, Inesita, et.al. **A AIDS na boca dos jovens**: o que se diz, como se diz, o que se cala. Notícias de uma pesquisa de comunicação entre jovens no Rio de Janeiro.

ATLAS do Desenvolvimento Humano no Brasil. PNUD. 2003.

BARRETO, Aldo A. A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, v.8, n.4, 1994.

BARRETO, Aldo A. **A informação e o cotidiano urbano**: a informação e a comunicação em comunidades urbanas diferenciadas na cidade do Rio de Janeiro. IBICT;UFRJ/ECO: Rio de Janeiro, 1991 (Relatório apresentado ao CNPq).

BARRETO, Aldo A. A oferta e a demanda da informação: condições técnicas, econômicas e políticas **Ciência da Informação**. Brasília, v..28 n.2, maio/ago. 1999.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Transferência da informação para o conhecimento. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque. **O campo da ciência da informação**: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: ed. UFB, 2002, p.49-59.

BELKIN, Nicholas J., ROBERTSON, Stephen E. Information science and the phenomenon of information. **Journal of the American Society of Information Science**. july/aug. 1976.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

BORELLI, Silvia Helena Simões . Telenovelas brasileiras balanços e perspectivas **São Paulo Perspectiva**. v.15 n.3 São Paulo jul./set 2001. Disponível em <<http://www.scielo.com.br>> Acesso em: 20 mar. 2005.

CABRAL, Ana Maria Rezende. **A vez e a voz das classes populares em Minas**., 1995. Tese (Doutorado) - ECA, USP, São Paulo.

CAMPELLO, Bernadete Santos (org.) **Formas e expressões do conhecimento**: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia UFMG, 1998, 414p.

CAPURRO, Rafael. **Epistemologia e ciência da informação**. Disponível em <http://www.capurro.de/enancib_p.htm> Acesso em: 08 nov. 2003.

CARVALHO, Alysson , PINTO, Mércia Veloso. Ser ou não ser ... Quem são os adolescentes In.: CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília (org) **Adolescência**. Belo Horizonte: Editora UFMG., 2002, p.11-30.

CASTRO, César Augusto. Teoria do cotidiano e biblioteconomia. **Transinformação**, v.7, n.1/2/3, jan./dez., 1995, p.75-84.

CASTRO, Mary Garcia, ABRAMOVAY, Miriam. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, jul. 2002, p. 143-176.

CAVALCANTI, Mônica Maria. Adolescente infrator um problema que atravessa a história. **CAOS Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. João Pessoa, n.2, nov. 2000. <<http://chip.cchla.ufpb.br>> Acesso em: 02 fev. 2004.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artemed. 2000.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista de Educação**. set./out./nov./dez., n.24, p.40 -52, 2003.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Adolescência(s): identidade e formação humana In.: CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília (org) **Adolescência**. Belo Horizonte: Editora UFMG., 2002. p.31-48.

DERVIN, B., NILAN, M.. Information needes and uses. **Annual Review Information Science and Technology**. v.21, 1986.

DESENVOLVIMENTO humano e condições de vida: indicadores para a Região Metropolitana de Belo Horizonte 1980-1991. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, IPEA, 1996. 92p.

DÍAZ, Juan, DÍAZ, Margarita. Contracepção na adolescência In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Cadernos, Juventude Saúde e Desenvolvimento**, v.1. Brasília, DF, agosto, 1999. 303p. Também disponível em <<http://www.bireme.br/bvs/adolesc>> Acesso em: 04 jun. 2004.

DICIONÁRIO Houaiss de sinônimos e antônimos da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva. 2003.

EGGERT, Gisela. **A informação no cotidiano do sujeito - mulher feminino**. 1992, Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Biblioteconomia UFMG, Belo Horizonte.

ESTATUTO da criança e do adolescente, Lei Federal 8.069/90. Belo Horizonte: Visão Mundial; Febem., s.d.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde, DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. A leitura, a produção de sentidos e o processo inferencial. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 3, p. 439-448, set./dez. 2004.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. **Estudo de necessidades de informação**: dos paradigmas tradicionais à abordagem Sense-Making. 1997. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/nucleos/sense>> Acesso em: 09 nov. 2003.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. O processo de transferência da informação. **Ciência da Informação**. Rio de Janeiro, v.8, n.2. p.119-138, 1979.

FOUCAULT, Michel. Não ao sexo rei. In. _____ **Microfísica do poder**. 17.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002. p.229- 242.

FRANÇA, Vera R. V. **Reflexões sobre a comunicação: esse estranho objeto**. Geraes, n. 48, p. 2-6, jul 1997.

FREIRE, Bernardina M. J. AQUINO, Mirian de Albuquerque. Ciência da informação buscando abrigo para o sujeito. **Transinformação**, v.12, n.2, p.71-79, jul./dez., 2000.

FUNDAÇÃO Perseu Abramo / NOP – Núcleo de Opinião Pública. **Pesquisa Juventude: Cultura e Cidadania**, 1999. <<http://www.fpa.org.br/nop>> Acesso em: 11 out. 2003.

GERRTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1989.

GESTÃO e desigualdade social e governança. Belo Horizonte: Fundação João pinheiro, Centro de Estudos Municipais e Metropolitanos, Escola de Governo, 2000, v.2.

GONÇALVES, Betânia Diniz & GODOI, Cláudia Mayorga B. Sexualidade e afetividade: o que é isto. In.: CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima;

GUIMARÃES, Marília (org) **Adolescência**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p.61-82.

GONZALÉS DE GOMEZ, Maria Nélida . Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque. **O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidade**. João Pessoa: ed. UFB, 2002, p.25-47.

GREENBAUM, Thomas L. **The handbook for focus group research**. 2.ed. California: Sage Publications, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**.7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HANSSEN, Maria de Nazareth Agra. Grupos focais de intervenção no Projeto Sexualidade e Reprodução. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre., v.8, n.17, p.159-177, jun. 2002.

HEIDI, Julien, Barriers to adolescents' information seeking for career decision making **Journal of the American Society for Information Science**, v.50, n.1, p. 38-48, Jan. 1999.

HEIDI, Julien. A content analysis of the recent information needs and uses literature. **Library and information science research**. New Jersey, v.18,n.1, p.53-65, winter, 1996.

HEILBORN, Maria Luiza., et al. Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre., v.8, n.17, p.13-45, jun. 2002.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

HJORLAND, Birger. Theory and metatheory of informatin science a new interpretation. **Journal of documentation**, v.54, n.5, dec., p.606-621, 1998.

JOVENS acontecendo na trilha das políticas públicas. Brasília: IPEA; CNPD – Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, 1998.

LE COADIC, Yves-Fançois **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996, 119p.

LOUREIRO, José Mauro Matheus, PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, v.24, n.1,1995.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder In. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 17.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

MAIA, Rousiley C. M. Sociabilidade: apenas um conceito. **txt**, p. 29-41. 2000.

MARTELETO, Regina Maria. Conhecimento e sociedade: pressupostos da antropologia da informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque. **O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificificidade**. João Pessoa: ed.UFB, 2002, p.25-47.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura da modernidade: discursos e práticas informacionais. **Rev. Esc. Bibliotecon. UFMG**. Belo Horizonte, v.23, n.2, p.115-137 jul./dez. 1994.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceito de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**. Brasília, v.24, n.1, p.89-93. jan./abr. 1995.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceito de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**. Brasília, v.24, n.1, p.89-93. jan./abr. 1995.

MARTELETO, Regina Maria. **Cultura, educação e campo social: discursos e práticas de informação**. 1992, Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura, educação, distribuição social dos bens simbólicos e excedente infomacional. **Informare: Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf.**, v.1, n.2, p11-23. jul./dez.1995.

MARTELETO, Regina Maria. Informação e sociedade: novos parâmetros teórico-práticos de gestão e transferência informacional. **São Paulo em Perspectiva**, v.12, n.4, p. 78-82, 1998.

MARTELETO, Regina Maria. Informação: elemento regulador dos sistemas, fator de mudança social ou fenômeno pós-moderno? **Ciência da Informação**. Brasília, v.16, n.2, p.169-180 jul./dez. 1987.

MARTELETO, Regina Maria, RIBEIRO, Leila Beatriz. O que se vê e o que se entende; cultura e sujeito na nova ordem mundializada da informação. **In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 2. CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 17**, Belo Horizonte: ABMG p.524-533, 1995.

MARTELETO, Regina Maria; VALLA, Vitor Vincent. Informação e educação popular: o conhecimento social no campo da saúde. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v.8, n. especial, p.8-21, jul./dez. 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Comunicación fin de siglo**: para dónde va nuestra investigación? www.innovarium.com/investigacion. Acesso em: 24 out.2002.

MARTIN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: estudo da recepção em comunicação social. In.: SOUSA, Mauro W. (org.) **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense; USP, 1995, p.39-68.

MELO, Aparecida Vieira de. **A gravidez na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. 1993, Dissertação (Mestrado em ciências sociais) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MINAYO, M. C. S.; et al.. **Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 4.ed. São Paulo; Rio de Janeiro: HUCITEC; ABRASCO, 1996.

MORIN, Edgar. A noção de sujeito. In.: SCHNITMAN, Dora Fried. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p.45-56.

NJAINÉ, Kathie. **Violência na mídia e seu impacto na vida dos adolescentes**: reflexões e propostas de prevenção sob a ótica da saúde pública. 2004, 134 f. Tese (Doutorado em saúde pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

NJAINÉ, Kathie.; MINAYO, M. C. S. **Interface** - Comunicação, Saúde, Educação, v.7, n.13, p.119-134, ago. 2003.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

POPULAÇÃO jovem no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE,1999. <www.ibge.gov.br> Acesso em: 21 mar. 2005.

REIS, Antônio Gilberto. **Diretrizes para o desenvolvimento de Sistema de Informação para Conselhos Municipais de Saúde**. 2002. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Escola de Ciência da Informação, UFMG, Belo Horizonte.

RIETH, Flávia. A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v.8, n.17, p. 77-91, jun. 2002.

SANTOS JUNIOR, José Domínguez dos. Fatores etiológicos relacionados à gravidez na adolescência: vulnerabilidade à maternidade. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Cadernos, Juventude Saúde e Desenvolvimento**, v.1. Brasília, DF, agosto, 1999. 303p. Também disponível em <<http://www.bireme.br/bvs/adolesc>> Acesso em: 04 jun. 2004.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte. V.1, n.1, p.41-62, jan./jun., 1996.

SAYÃO, Luís Fernando. Modelos teóricos em ciência da informação: abstração e método científico **Ciência da Informação**. Brasília, v. 30, n.1, p.82-91, jan./abr. 2001.

SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da. Ciência da Informação: perspectivas e indicativos para ação. In.: PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro (org.) **Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Brasília: IBICT, p.119-129., 1999.

SORJ, Bernardo. *A nova sociedade brasileira*. Rio de Janeiro; Zahar, 2000.

SOUSA, Mauro Wilton. Recepção e comunicação a busca do sujeito. In: _____. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.13-38.

SPÓSITO, Marília Pontes. Estudos sobre a juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**, n.5/6, 1997, p.37-52.

SUDBRACK, Maria Fátima Oliver. Adolescência e pós-modernidade. In: UNICEF. **Situação da adolescência brasileira**, Brasília, p.66. 2002.

UNICEF. **A voz dos adolescentes**. Brasília, 2002a.

UNICEF. **Situação da adolescência brasileira**, Brasília, 2002b.

VAZ, José Carlos, PAULICS, Veronika. Atenção à gravidez na adolescência. **Boletim Dicas para a Ação Municipal**. São Paulo. Instituto Polis, n.74, 1996. Disponível em <<http://federativo.bndes.gov.br/dicas>> Acesso em: 27 maio 2004.

VITALLE, Maria Sylvia de Souza, AMANCIO, Olga Maria Silvério. Gravidez na adolescência. **Brazilian Pediatric News UNIFESP**. São Paulo, v.3, n.3. set. 2001. Disponível em <<http://www.brasilpednews.org.br/set.2001/bnpar101.htm>> Acesso em: 20 fev. 2004.

VIVARTA, Veet. Mídia: quando a informação é o melhor remédio In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do

Adolescente e do Jovem. **Cadernos, Juventude Saúde e Desenvolvimento**, v.1. Brasília, DF, agosto, 1999. 303p. Também disponível em <<http://www.bireme.br/bvs/adolesc>> Acesso em: 04 jun. 2004.

WERSIG, Gernot. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing and Management**, v.29, n. 2, p.229-239, 1993.

WERSIG, Gernot., NEVELING, Ulrich. The phenomena of interest to information science. **The Information Scientist**, v.9, n.4, dec. p.127-140, 1975.

ANEXO 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Sexo: () Masculino
() Feminino

Idade: _____

- 1) Na sua opinião por que tantas jovens adolescentes têm ficado grávidas?
- 2) Você tem ou já teve alguma orientação sobre sexualidade em casa?
- 3) Você já viu ou ouviu alguma campanha sobre prevenção da AIDS?
- 4) Você já viu ou já ouviu alguma campanha sobre gravidez na adolescência?

5) Você tem dúvidas sobre algum assunto relacionado a sexualidade? Quais?

1. _____

2. _____

3. _____

4. _____

5. _____

6) Das dúvidas que você citou acima, na sua opinião, quais seriam os melhores lugares ou pessoas para esclarecerem tais dúvidas?

Para esclarecer minha dúvida 1, eu procuraria: _____

Porque: _____

Para esclarecer minha dúvida 2, eu procuraria: _____

Porque: _____

Para esclarecer minha dúvida 3, eu procuraria: _____

Porque: _____

Para esclarecer minha dúvida 4, eu procuraria: _____

Porque: _____

Para esclarecer minha dúvida 5, eu procuraria: _____

Porque: _____

- 7) Você é capaz de citar quantos jovens como você atualmente tem filhos ou estão grávidas?

- 8) Você conhece algum método contraceptivo? Quais?

- 9) Você seria capaz de detalhar o uso deste método?

- 10) Onde você obteve informações sobre os métodos que citou?

- 11) Da matéria exibida em vídeo, o que foi discutido que você achou mais interessante?